# NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 143 JUNHO 1957

O MISTÉRIO DE CRISTO — Karl Adam 177

GENTES DA OUTRA BANDA — (A SONDAGEM À PRÁTICA RELIGIOSA NAS PARÓQUIAS DA PENÍNSULA DE SETÚBAL EM 1955) — António Carrilho e Fernando Micael 181

PERSPECTIVAS E PROBLEMAS — Luís Moita 193

O PROBLEMA DAS IMAGENS — Noronha Galvão 198

CANTARINHA — Simões Dias 207

PANORAMA — João Carrilho 208

CRÓNICA — Noronha Galvão 210

DEDICATÓRIA — A. N. 212

## Casa Nun'Alvares

**PORTO**

*626-Rua de Santa Catarina-630*

Telefone - P. P. C. { 23586 / 23587

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.

## Sociedade Industrial Metalúrgica

**S. A. R. L.**

**SERRALHARIAS**

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

## JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género-**Fundada em 1832**-Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166-170

*Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha*

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado


# NOVELLAE OLIVARUM


**Director — ALBERTO NETO SIMÕES DIAS**

**Redactores — JOSÉ POÇAS RIBEIRO / CLÁUDIO MARQUES TEIXEIRA**

**Administradores — ALBINO MAMEDE CLETO / AVELINO BARATA PINTO**

**Proprietário e Editor — IRENEU MARQUES CLEMENTE**

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 174

BAYER

# Rioplex

uprama

ESCOLHA O TOM PRETO PRÓPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**RIOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**RIOPLEX**» SÃO
**RESISTENTES** E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

**LARG. 1,50** **PREÇO 80$00**



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

Vaticano

CASA RUVINA

Rua Formosa, 173 — PORTO



FUNDADA EM 1756

"Genáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

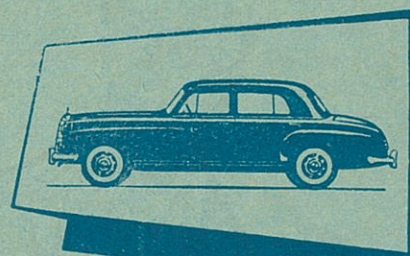


# MERCEDES-BENZ

AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel

CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas

AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares

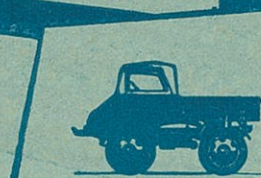




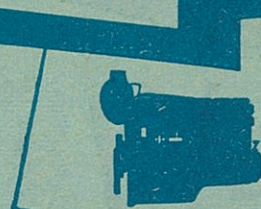




UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações



Representantes

**C. SANTOS L.DA**

LISBOA PORTO

# Economize...



STUDIO TOM B-1

adquirindo para o seu lar uma instalação de GAZCIDLA, o moderno combustível que lhe proporciona, a baixo preço, energia, iluminação, aquecimento, banho e refrigeração.

O GAZCIDLA, pelas suas notáveis qualidades, contribui eficazmente para a felicidade do lar português.



# GAZCIDLA

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES DE CALORÍFEROS
FOGÕES, ESQUENTADORES, ETC. • EM TODAS AS AGÊNCIAS DO PAÍS

# O «MISTÉRIO» DE CRISTO (1)

No pouco tempo de que dispomos, vamos tentar penetrar no âmago do significado da fé em Cristo — no paradoxo de o Filho Unigénito de Deus se tornar um homem, um judeu, um crucificado. Na Sua Pessoa, como é que o humano está unido com o divino, o terrestre com o celeste, o histórico com aquilo que está acima e fora da história?

O nosso intento é o mais fantàsticamente absurdo que se pode conceber: a História apresenta-nos um homem são, quer física quer mentalmente, um homem possuidor duma calma extraordinária e de uma visão sensata dos fenómenos da vida, do maior ao mais insignificante. Nada escapa à Sua atenção e ao Seu interesse. Observa os lírios do campo e a moeda perdida debaixo da mesa. Com um gesto quase banal este homem varre o intrincado e enredado edifício que o rabinismo judaico havia tecido e lança-se a examinar a natureza essencial, primitiva e divinamente simples da mensagem da Escritura. Deita fora os refinamentos cultuais e casuísticos dos «rabis», para mostrar-nos o santuário de Deus na sua bela pureza original.

É este o homem que nós estamos a considerar: calmo, espírito claro, com um instinto para o essencial; que nunca perde o autodomínio de Si, até mesmo debaixo dos mais severos ataques dos seus inimigos; que nunca permite excessos fanáticos; que, numa ocasião memorável, quando em espírito de rancor fanático lhe apresentam uma mulher apanhada em adultério, escreve calmamente na areia e, extraordinàriamente compreensivo e com infinita superioridade de coração, diz para os seus adversários: «quem estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra».

É este o homem que nós estamos a considerar: possuido de um espírito claro e luminoso que mesmo em verdadeira agonia de morte reduz ao silêncio o espírito de cobardia e repulsa, pronunciando calma e serenamente aquelas palavras que ainda brilham como chama encandeante: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem».

Pois é este homem, tão perceptivo, tão mentalmente perspicaz, tão superior a toda a cegueira dos entusiasmos da natureza, é este homem que nos diz pura e simplesmente: «eu venho do Pai; o Pai e Eu somos um».

O nosso intento é o mais fantàsticamente absurdo que se pode conceber: em tempos históricos viveu um homem que tomou em seus braços e abençoou as criancinhas inocentes; que conviveu com leprosos e publicanos proscritos; que, como ninguém nem antes nem depois, levou uma vida desinteressadamente altruista, consumida ao serviço dos pobres e dos oprimidos; que não achou nada de mais importância que servir, sempre servir; que acolheu como irmãos os deserdados da sorte; que, mesmo pouco antes de morrer, lavou os pés a Seus discípulos; que em pão partido e vinho derramado Se ofereceu em sacrifício pelos Seus dizendo: «este é o meu corpo... este é o meu sangue que é dado por vós». Mas não foi só para ajudar e curar os homens que ele viveu no meio deles: Ele tomou sobre si toda a espécie de dores e tribulações, as suas agonias de corpo e de alma, os seus abandonos e isolamentos extremos, até ao ponto de a Sua alma gritar em agonia: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?».

---

(1) Supomos não fugir ao pensamento do Autor, empregando a palavra «mistério» não só no sentido teológico tradicional, mas também no sentido moderno de *fenómeno vital ligado connosco e cuja solução — qualquer que ela seja — não é indiferente para nós* — N. do T..

Pois é este homem incrìvelmente heróico, apagando-se e imolando-se a si mesmo, é este homem que, do princípio ao fim da Sua vida sabe e declara categòricamente que Ele e o Pai são um: «Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Pai senão o Filho».

O nosso intento é o mais fantàsticamente absurdo que se pode conceber: este homem cuja história é verificável foi um membro da raça judaica e por isso conheceu um só Deus dos Céus e da terra e um só Pai dos Céus. Todos os dias rezava com os Seus compatriotas: «Ouve, ó Israel, Yahweh teu Deus é um só Deus». Tremeu respeitosamente ante a majestade deste Pai dos Céus. Não se permite ser chamado «bom» porque um só é bom: o Pai dos Céus. O Seu alimento é fazer a vontade deste mesmo Pai. Desde a mais tenra infância, no meio de alegrias, como entre as dores só se empenhava em conhecer e amar esta vontade. Sua vida inteira foi como uma só oração. Por outras palavras: mais do que ninguém, nem antes nem depois, do abismo da sua condição de criatura, Ele levanta para o Pai os Seus olhares em reverência e adoração e só procura colocar a Sua mão na mão condutra do Pai. Durante toda a vida, sujeitou-se sempre a esta divina vontade, tão completamente e tão de coração, que o convite à penitência e a prece do perdão nunca deixaram Seus lábios. E quando, à beira da morte, Ele pediu perdão, não foi para Si, mas para os outros; cônscio da Sua identidade, da Sua unidade com Deus, voltou-se para o ladrão moribundo e disse: «Os teus pecados são-te perdoados».

Este homem desejou unir tão ìntimamente a Sua vontade à vontade do Pai, que na omnipotência desta vontade, curou doentes e os próprios mortos chamou à vida.

Pois foi ainda este homem santo, tão inteiramente dedicado a Deus, tão cheio de temor ante a majestade de Deus, tão completamente mergulhado em Deus, foi este o homem que toda a vida se mostrou positivamente como Juiz do mundo, como regente do Reino de Deus. Mais: chamou-se a si mesmo o Filho de Deus, igual ao Pai: «Eu e o Pai somos um».

É este o fenómeno de Cristo. Este fenómeno requer uma explanação; o problema levantado por ele tem de ter uma resposta. Não é possível fugir à questão, a rogo de hábeis raciocínios. Impossível ficar neutro, com um indiferente encolher de ombros: especialmente sabendo nós que as reivindicações da Divindade, feitas por este homem e escoradas em admiráveis feitos e palavras foram triunfalmente autenticadas e confirmadas depois. Foi o poder divino que ele se arrogara que, três dias depois de ter sido sepultado, tomou novamente posse do seu corpo morto, infundiu-lhe uma vida gloriosa e durante quarenta dias O manifestou a Seus discípulos, ressuscitado dos mortos.

É tão extraordinária, tão assombrosa, tão sobrenatural, tão divina a luz que irradia deste fenómeno chamado Cristo, que ela arrasta no seu encanto todos os homens sérios que queiram pensar. Ninguém pode deixar de encarar este fenómeno, a não ser que obstinadamente queira morrer para Deus — ou tenha já morrido para Deus. Aquele que o encara de frente é forçado a parar; mais, é forçado a inquirir — e fazer tudo isto naquela atitude de espírito que é a única legítima em questões relacionadas com as possibilidades da omnipotência de Deus. De facto, não há dúvida: o fenómeno de Cristo depende das possibilidades do poder de Deus. Por isso é Deus, não o homem, que marca os limites deste poder.

Se estava nos planos de Deus que a Divindade, essencialmente presente e activa em todas as coisas, havia de assumir uma forma corpórea, estar unida pessoalmente a um

corpo humano e embeber de tal maneira aquele ser humano que este homem poderia dizer: «eu sou o caminho, a verdade e a vida» — se Deus quis fazer esta maravilha das maravilhas — isso é inteiramente da competência de Deus. A nós homens, só compete observar atentamente com reverência e absoluta franqueza e abertura de espírito, se de facto foi Deus que nos disse tal. Se nos falta esta reverente vontade de inquirir, que é a única atitude razoável ante a possibilidade infinita da omnipotência divina, nós tornamo-nos réus do crime de Caifás, somos como o advogado que já tomou a decisão antes de examinar os factos duma causa judicial. Na presunção dos nossos corações, satisfeitos de sermos os limites máximos do poder humano, recusamo-nos a aceitar as proporções maiores da omnipotência divina. Com isto fazemos uma afronta a Deus — Alfa e Omega de todo o poder nos Céus e na terra.

É certamente verdade que há homens que ainda não puderam levar-se a acreditar em Cristo, apesar de procurarem a Deus com reverência e honestidade. É precisamente esta reverência e temor, considerando Deus como o «Outro Absoluto» e Infinito, que os estorva de ver Cristo como uma das potencialidades de Deus. Tão confundidos ficam com o mysterium tremendum que é Deus, que todo o seu ser se revolta contra a possibilidade de este Deus infinito e omnipotente poder existir numa criança, num judeu, num homem crucificado. Topamos aqui com o paradoxo de serem precisamente as suas íntimas convicções religiosas que motivam a sua falta de fé.

No fim de contas é o temor reverencial da divindade que os impede de aceitar a possibilidade de Deus se tornar homem.

Não é a nós que compete julgar tantos homens nem inquirir se, em última análise, não será o seu orgulho espiritual ou um secreto e falso absolutismo que motiva o seu não a Cristo — esse absolutismo que tem a arrogância de pretender decidir o que é possível em Deus.

Mas é sempre possível que muitos homens estejam com sinceridade e recta intenção. Ousamos até afirmar: se tantos homens perseveram na sua atitude de temor reverencial e na procura honesta da verdade, estes são em espírito discípulos do Senhor, ainda mesmo que as suas acções possam incriminá-los de perseguidores e inimigos de Cristo. Há incrédulos que estão menos fechados a Cristo que certos crentes — que aqueles cristãos de nome que nunca se põem, com seriedade, o problema de Cristo e que tratam os tesouros da fé com a mesma indiferença banal com que tratam da transmissão, de uma geração para outra, dos bens e tradições familiares. «Quereria que fosses quente ou frio; mas visto que és morno, vomito-te da minha boca». Cristo não tem tempo para os mornos. Quer homens que possam ser definitivamente classificados de frios ou quentes — homens decididos, cujas palavras sejam categòricamente sim ou não. Pode bem ser que na festa das bodas de que fala Cristo (Luc., XIV, 16 segs.) a porta seja cerrada para muitos dos cristãos de nome e para aqueles que não apresentam outro direito à admissão senão um certificado de baptismo. Foram de facto convidados para a festa, mas, como S. Lucas nos conta, julgaram que era mais importante a junta de bois recentemente adquirida — ou a quinta comprada há pouco — ou os prazeres dos sentidos. Para tantos como estes Ele dirá: «não sei donde sois». Poderão eles dizer: «nós comemos e bebemos na tua presença e tu ensinaste nas nossas praças» (Luc. XIII, 26); ou então, parafraseando S. Lucas: «mas nós ajoelhámo-nos na Tua mesa da comunhão e assentámo-nos diante dos Teus púlpitos». E Ele responderá: «não sei donde sois».

E pode bem ser que o Senhor se afaste destes cristãos apáticos que não encaram a sua religião com mais seriedade que uma peça de vestuário transmitida de mão em mão, e como nos conta S. Lucas, pode ser que o Senhor envie mensageiros aos que, sem fazer nada, vagueiam por caminhos e veredas. Poderão estes ter olhado desconfiados para Ele e para as actividades da boda; mas não obstante, já não poderão deixar de pensar nele e de fixar nele os seus olhares ansiosos; e bem no centro dos seus corações, desejariam alegremente ter sido dos Seus, se apenas tivessem acreditado há mais tempo. São precisamente estes que Cristo convida para a festa das bodas porque se recusaram a vir os que foram convidados primeiro. «E a sala do festim encheu-se de convivas». Não foi S. Paulo um convidado da última hora? E S. Agostinho não chegou mais tarde ainda? E quem se atreverá a dizer que já não há mais destes convidados?

Tanto assim que está fora de questão que o dono da casa não tenha pensado primeiro nestes, mas naqueles que foram convidades primeiro. E quem são eles? Todos os baptizados que não foram indiferentes ao impulso lançado por Cristo aos seus corações, mas o receberam voluntàriamente reconhecendo as possibilidades da omnipotência divina.

Mas em que consiste esse impulso a que nos devemos abrir? E, concretamente, qual é a coisa que nos faz crer? Eis a última pergunta, e uma daquelas a que nós queríamos responder. Não são as palavras de Cristo em si mesmas, cheias, como são de poder e sabedoria profundos, não são em si mesmas as palavras de Cristo que nos fazem crentes. Nem sequer os Seus milagres e outras maravilhas de poder. Na verdade não é nenhum dos factos puramente externos daqueles que são fidedignos e têm valor de testemunho no plano histórico não é nenhum deles o factor determinante. Todos estes factos externos são apenas, no dizer de S. Tomás, uma «causa exterius inducens», um indício externo que nos conduz até junto da fé mas não nos introduz nela. O que nos introduz na fé é algo de inexplicável, em última análise. É aquele santo Fluidum infinitamente penetrante e efectivo, que partindo da própria Pessoa do Senhor penetra as nossas almas, através das Suas palavras, dos Seus milagres da Sua natureza humana. É sempre o Cristo vivo que nos faz crer — é uma «impressão» final, única, pessoal que nós recebemos dele quando contemplamos as Suas palavras e observamos as Suas acções. É isto que penetra até o centro, até o mais íntimo do nosso ser. É uma coisa viva, um movimento de vida que emana d'Ele. Os teólogos chamam-lhe a gratia Christi, graça porque não é originada em nós, mas é livremente dada por Deus. É esta graça, e ela só, que S. Tomás chama a «nobilíssima e própria causa da fé». É como uma nascente que em nós brota do Seu ser humano-divino, uma irrupção no nosso ser, dos seus poderes pessoais, é a sua Pessoa que a nós se dá como comida e bebida. As palavras são incapazes de exprimir esta única e inegável acção de Deus. Não podemos esperar que a palavra precisa para exprimir isto seja encontrada algum dia. Só o podemos experimentar. Não se trata duma coisa inerte, morta. É uma coisa viva que no fim de contas nos traz a fé: é o facto de nos tornarmos cheios, de sermos cheios de Cristo vivo. «Vós em Mim e Eu em vós». Nós comemos a Sua carne e bebemos o Seu sangue. É este o cume do mistério da fé. É à luz deste mistério que nós compreendemos as palavras do Senhor:

«Aquele que crê em Mim tem a vida eterna: e Eu o ressuscitarei no último dia».

KARL ADAM

*Traduzido de* «Worship» — *Revista dos Monges da Abadia de S. João, Collegeville, Minnesota — U. S. A., (Fevereiro de 1957),* por Avelino Rodrigues.

# Gentes da outra banda

## *A sondagem à prática religiosa nas paróquias da Península de Setúbal em 1955*

Podemos desde o ano findo contar com um bom instrumento de trabalho para o estudo do Patriarcado: a sondagem feita à prática dominical. Sobre ela, o Rev. P. Manuel Falcão, que dirigiu os trabalhos, elaborou um relatório, resultado de longo e paciente estudo, no qual destacava as primeiras conclusões. Obra de síntese, todo esse relatório se exprimia num número: a percentagem da prática religiosa (1).

Todos quantos chegaram a tomar contacto com os números que foram apresentados, sentiram que essas primeiras conclusões deviam ser ponto de partida quer para estudos pastorais, quer para estudos sociológicos.

Da meditação e do confronto dos seus valores deve resultar uma concretização maior de alguns problemas e antes de mais a formação de categorias que de um modo geral permitam que se inicie o estudo sistemático do Patriarcado. Muito longe, portanto de termos atingido um objectivo, antes começamos um caminho que se afigura longo.

É possível que ainda alguém se interrogue sobre a vantagem real destes estudos. Mais porém, que as reflexões a fazer, valem as vantagens que os párocos vão reconhecendo a alguns dados fundamentais. Ainda em recente reunião de clero, muitos párocos procuravam colher elementos sobre as suas regiões, e faziam-no com interesse. A continuação do trabalho, virá a pouco e pouco revelando a enorme ajuda que ele pode constituir para quem tomar a seu cargo a evangelização. Deixemos ao tempo a sua palavra.

### DETERMINAÇÃO DE ZONAS

Entre as várias dificuldades que se levantam a quem pretenda iniciar estudos de sociologia religiosa, encontra-se a dos critérios de síntese. É sabido que seria impossível realizar para já o estudo de cada paróquia isoladamente. Sobre os poucos dados referentes a cada paróquia poderão reflectir os párocos; mas eles mesmos que poderão concluir se lhes faltarem termos de comparação? Isto obriga-nos a reunir várias paróquias para as estudar entre si, comparando as conclusões do estudo dos grupos diversos. Quer dizer que a seguir à grande síntese realizada já para todo o Patriarcado, simbolizada pela percentagem global da prática religiosa, se devem elaborar outras sínteses abrangendo zonas do mesmo Patriarcado.

Como determinar porem essas zonas? Seguiremos o critério da circunscrição eclesiástica, estudando cada vigararia de per si? Este critério apresenta vários inconvenientes entre os quais se podem enumerar:

1) o de correr o risco de tomar como base agrupamentos de freguesias sem um real valor sociológico, uma vez que o critério da circunscrição é geográfico;

2) o de se separarem no estudo, paróquias que pertencem por exemplo a Vigararias limítrofes, e que havia todo o interesse em estudar conjuntamente;

3) a extensão do trabalho a realizar, uma vez que o número das Vigararias em causa ultrapassa as duas dezenas, sociològicamente características.

Uma vez que se não aceite a vigararia como unidade fundamental, impõe-se a escolha de outro critério. O cónego Boulard, grande e conhecido iniciador dos estudos de sociologia religiosa em França, tem propugnado pela unidade básica da «zona humana». Entende-se por «zona humana», aquela zona que contém actividades de tal ordem que de certo modo lhe permitem viver sobre si mesma. É exemplo flagrante de zona humana determinada, a região que vive dependente de uma cidade. Porém, logo à primeira vista se reconhece como é difícil determinar estas zonas. Até que ponto se pode dizer que determinada terra pertence à zona A ou à zona B? Se é viável e muito útil esta maneira de trabalhar, parece no entanto, que só em estudo mais adiantado, pode com facilidade ser adoptada.

Surgiu deste modo a hipótese de se aproveitar como unidades de estudo as zonas de prática religiosa reveladas pelo mapa da prática global. Acontece, porém, que é conveniente uma definição bem determinada dessas zonas, quer sob o ponto de vista geográfico, quer sob o ponto de vista de valores sociológicos, o que nem sempre se verificava.

Tendo, não obstante, de se iniciar o trabalho por uma região, embora a não pudéssemos escolher tão precisamente como gostaríamos, pensámos na zona sul do Tejo. Antes de mais, foi ela a eleita, porque apresentava uma definição geográfica ideal. Rodeada de água por três lados, como península que é, liga-se ao restante continente pela extensa região florestal da Marateca que isola as «peninsulares» de contacto assíduo com os povos para lá da zona demarcada. O Norte da Península, muito ligado a Lisboa, apresenta características de crescimento e de irradiação que despertam a curiosidade pelos problemas que levantam, tais como o das dependências económicas e do aumento demográfico. Pelo contrário, o sul da Península com excepção da cidade de Setúbal, aliás muito diferente das zonas urbanas no Norte, tem características muito diferentes, o que permite comparações interessantes.

## O VALOR DOS ÍNDICES

Uma das notas características de qualquer principiante, como nós, é a de sentir uma irresistível tendência para tudo criticar, gostando de reflectir sobre os dados que se lhe apresentam. Ora, pensando bem, é arrojado pretender avaliar a prática religiosa duma terra pela assistência à missa dominical. Corre até entre o nosso povo, a ideia de que o facto de ir à missa pouco ou nada abona sobre quem lá vai. No

gosto de salgar as suas apreciações com uma pitada pessimista diz até que os que lá vão são piores que os outros.

Embora sem adoptar a maneira de dizer do povo, levanta-se de qualquer modo o problema metodológico de reconhecer a validade do índice. Militam em seu favor:

1) O facto de a missa ser o acto principal da vida cristã, sendo por isso importante valor, a percentagem dos cristãos que a ela assistem.

2) O facto de a missa dominical não ser um acto isolado, mas um hábito.

Na realidade, o número médio de frequência à missa, não nos revela quantas pessoas assistiram nesse dia àquela missa, mas quantas a ela costumam assistir, uma vez que se obteve a média de assistência em vários dias. Ora é de todos sabido como os hábitos são incomparàvelmente mais aptos para revelar uma vida, que os actos. É que para realizar um acto, não se exige, como no primeiro caso um esforço continuado pela sua aquisição. O hábito de ir à missa é normalmente fruto de a pessoa querer levar uma vida cristã, exige esforço e sacrifício, revela que o cristianismo penetrou em certa profundidade embora possa enfermar de outros males, como a rotina.

Há porém outras considerações que já põem mais em causa estes valores:

a) Se a missa é o acto principal da vida cristã, por outro lado, está muito longe de ser o único. Ora em que medida é que será suficientemente significativa a taxa da assistência dominical, como indício da restante prática?

b) em que medida é que a prática será reflexo da mentalidade cristã das pessoas?

c) numa palavra, se pelas reflexões anteriores se reconheceu a importância do índice e por outro lado se considerou a sua relativa estabilidade, falta no entanto determinar a sua validade como símbolo de vida cristã. Sabemos que a prática dominical é um acto importante; será suficientemente significativo?

Esta dificuldade resolver-se-ia no caso de se verificar a coincidência dos números que revelam esses outros aspectos cristãos, com os que traduzem a prática dominical. Assim, por exemplo, se o número de comunhões pascais for superior à média de assistência dominical, ficamos sabendo que a prática dominical traduz um nível superior de cristianismo do que aquele que é revelado pela comunhão pascal. Esta contraprova, porém, não pode fazer-se numa só freguesia, pois é muito possível que as pessoas se desobriguem fora da paróquia.

Parece que só ao nível diocesano seria eficaz.

## ALGUNS NÚMEROS PARA COMPARAÇÃO

Não deixa de ser oportuno, para melhor situar o leitor, fornecer alguns dados que temos mais à mão, tirados de trabalhos que no mesmo género se têm feito noutras dioceses.

É muito conhecido o livro «La France Pays de Mission?», que em boa hora levantou o movimento de pastoral conhecido como a «Missão de Paris».

Uma das cidades dos arredores que nele são estudadas, é a Montrenil que fica a nascente da capital. Em Outubro de 1942, a sua população era de 70.000 habitantes, dos quais iam à missa 5.367, ou seja 7,2 %. Se porém se tomar em conta a fuga das crianças no fim da catequese, as poucas famílias cristãs, a baixa perseverança na prática religiosa, passa a ser lícito perguntarmo-nos qual o valor representativo dos 7,2 %. E concluem os autores pensando que de facto não mais de 2 a 2,5 % da população ficará marcada pela doutrina de Cristo.

Num estudo apresentado por Lucien Gros sobre a diocese de Marselha, podem ler-se os seguintes números. No que diz respeito às paróquias dos subúrbios da cidade, a percentagem da prática religiosa oscila entre os 5,8% em «L'Estaque» e 39,7% em Le Cabot. Fora de Marselha, o mínimo é 6% em PLAN DE CUQUES e o máximo 30 % em CEIRESTE, sendo a média geral 12,5 %. Estes números revelam já um estádio de vida cristã melhor que o da Cintura Vermelha de Paris.

Na Bélgica em 1951, as médias das diversas regiões do país oscilavam entre 21,7 % na de HAINAUT e 68 % em LIMBOURG. A região da Valónia apresentava a média de 34,6 % estando portanto a meia distância dos extremos. A prática por vigararias estava entre 90% em BASTOGNE e 18% em CHARLEROI.

Porque Séez é uma diocese bastante equilibrada, reproduzimos o quadro resumo das percentagens de praticantes em toda a diocese:

| | 15 a 19 anos | 20 a 39 anos | 40 a 59 anos | + de 60 anos |
|---|---|---|---|---|
| Homens | 45,5 | 30,1 | 26,1 | 29,4 |
| Mulheres | 61,1 | 43 | 45,2 | 54,7 |
| Total | 53,4 | 36,7 | 35,9 | 45 |

Quanto aos menores de 14 anos, não vão ao catecismo 1,3 % dos rapazes e 1,1 % das raparigas.

## PENÍNSULA DE SETÚBAL

Depois destes breves tópicos, observe-se o quadro geral da prática religiosa na Península de Setúbal. Os dados apresentados são colhidos dos resultados finais da sondagem à prática religiosa em Novembro-Dezembro de 1955.

Percentagens da Assistência à Missa na Península de Setúbal, Nov.-Dez. de 1955

| Paróquias | Homens de mais de 15 anos | Mulheres de mais de 15 anos | Crianças de 7 a 14 anos | Total |
|---|---|---|---|---|
| Península | 3,2 | 9,9 | 20,3 | 8,6 |
| Almada | 4,9 | 8,3 | 19,4 | 8,4 |
| Amora | 1,9 | 7,0 | 21 4 | 6,9 |
| Arrentela | 1,3 | 4,7 | 12,7 | 4,4 |
| Caparica | 0,7 | 5,3 | 17,9 | 5,6 |
| Seixal | 1,0 | 9,7 | 29,0 | 9,5 |
| Paio Pires | 1,5 | 6,9 | 22,2 | 6 9 |
| Alhos Vedros | 1,4 | 3,7 | 5,1 | 3,0 |
| Moita | 4,2 | 13,0 | 38,7 | 13,9 |
| Barreiro (Lavradio) | 3,1 | 7,5 | 25,1 | 8,1 |
| Palhais | 0,7 | 3,2 | 9,9 | 3,0 |
| Alcochete | 1,8 | 7,0 | 27,2 | 8,1 |
| Samouco | 1,3 | 8,1 | 47,3 | 11,3 |
| Montijo | 2,2 | 5,4 | 25,6 | 7,4 |
| Sarilhos Grandes | 2,0 | 8,6 | 31,6 | 9,5 |
| Castelo de Sesimbra | 2,5 | 6,3 | 5,1 | 4,4 |
| Marateca | 0,8 | 1,1 | 3,4 | 1,4 |
| Palmela | 2,8 | 8,9 | 8,4 | 5,7 |
| Pinhal Novo | 0,4 | 2,1 | 7,8 | 2,4 |
| Quinta do Anjo | 5,1 | 13,0 | 18,0 | 11,0 |
| Sesimbra | 2,9 | 30,3 | 48,0 | 21,5 |
| V. Fresca-Azeitão | 1,4 | 10,0 | 14,9 | 7,2 |
| V. Nogueira-Azeitão | 2,6 | 11,4 | 10,8 | 7,6 |
| Cidade de Setúbal | 4,9 | 18,4 | 23,0 | 13,5 |
| Tipo A | | | | 10,8 |
| Tipo B | | | | 7,1 |
| Tipo C | | | | 4,1 |
| Patriarcado | 9,4 | 20,3 | 30,4 | 17,2 |

Os valores gerais da Península, revelam-nos que a percentagem dos que não vão à missa dominical é de 91,4% o que em números absolutos significa ficarem de fora, uma população total de 221.823 pessoas, 202.669. É por isso uma das piores zonas do Patriarcado, comparável a toda a região do Ribatejo que apresenta fraco índice de vida cristã. Compare-se por outro lado a média da nossa diocese com os tópicos transcritos mais acima de algumas dioceses estrangeiras, e poder-se-á fazer uma pequena ideia do valor dos números.

Alguém que acompanhava um padre libanês em visita a Portugal, escandalizou outro companheiro de viagem, ao dizer que a percentagem de católicos chamados praticantes não ultrapassava os 25%! Estamos habituados a descrer dos 95% de católicos, número dado pelo censo, mas apesar disso é com dificuldade que aceitamos as percentagens que se nos apresentam (2). Se já houve alarme com a média geral do Patriarcado, que dizer da média geral da Península, de 8,6%? E de que maneira corresponderá este valor à realidade? Tentemos descer a alguns pormenores.

## TIPOS DE PARÓQUIAS

Procurando um mínimo de sistematização, e sem pretender de qualquer modo definir zonas sociológicas, pode-se reparar antes de mais que há três hipóteses de categorias entre as quais se dividem as freguesias no que diz respeito aos aspectos demográficos:

*Paróquia de Tipo A:* a que tem, pelo menos, um centro urbano, (centro com população superior a 2.000 pessoas).

*Paróquia de tipo B:* a que não tem nenhum centro urbano e é pouco extensa.

*Paróquia de tipo C:* a que não tem nenhum centro urbano e é muito extensa.

Olhando para o mapa demográfico da Península, a verificação da oportunidade destas três divisões é imediata.

As paróquias que pertencem ao tipo A são: Almada, Caparica, Seixal, Alhos Vedros, Barreiro, Moita, Alcochete, Montijo, Palmela, Sesimbra, Setúbal.

Há que fazer algumas observações quanto a paróquias que apresentam valores excepcionalmente baixos:

1) Caparica que tem a grande maioria da população dispersa por algumas dezenas de localidades (3).

2) Alhos Vedros cujo centro populacional, Baixa da Banheira, não tem condições de culto. A missa é celebrada numa sala onde cabem umas 30 pessoas, e o meio é paupérrimo (4).

3) Palmela que não tem pároco próprio, estando anexa ao Vicariato da Quinta do Anjo.

Por isso podemos excluir deste tipo estas 3 paróquias que não estão em pé de igualdade com as outras.

Reparando agora nos índices das restantes, verificaremos que são os mais altos. O pior é o de Montijo 7,4 %. Nas paróquias susceptíveis de entrar nos outros tipos, só V. Nogueira de Azeitão se lhe compara. Haverá alguma relação entre o carácter urbano e a prática dominical? Continuemos as nossas verificações.

Ao tipo B pertencerão Amora, Paio Pires, Vila Fresca e Vila Nogueira de Azeitão, Arrentela, Palhais, Samouco, Sarilhos Grandes.

Note-se quanto a:

1) Samouco e Sarilhos Grandes que as suas percentagens são pouco significativas, uma vez que têm pequena população.

2) Amora e Paio Pires parece-nos que podem considerar-se paróquias pequenas porque só no Norte se encontram povoações.

Reparando nos índices do quadro das percentagens, correspondentes a estas

freguesias, verifica-se que as quatro primeiras apresentam valores médios, exceptuando-se Arrentela e Palhais, cujo fraco índice se explica por não terem pároco próprio.

Esta nova verificação, inclina-nos mais um pouco a relacionar a demografia com a prática dominical. Mas continuemos.

Ao grupo C pertencem as paróquias de Castelo de Sesimbra, Marateca, Caparica (5), Palmela, Quinta do Anjo e Vicariato de Pinhal Novo. Como era de esperar, quem for ao quadro das percentagens verá que estas paróquias representam os valores mais baixos, excepto Quinta do Anjo.

Quer isto dizer que se excluirmos alguns casos especiais, de um modo geral há uma relação entre a intensidade das características rurais (6) de uma paróquia e a sua fraca percentagem de assistência à missa. Mesmo que o leitor não concordasse com nenhuma das excepções, ficaria de pé a verificação geral e é quanto basta.

Para melhor calcularmos a maneira como os vários tipos se diversificam, procuremos achar os valores globais de cada um, encontrando a média das paróquias que as compõem (7).

| | População total | Assistência | Percentagem |
|---|---|---|---|
| Tipo A | 141598 | 15276 | 10,8 |
| Tipo B | 11150 | 793 | 7,1 |
| Tipo C | 40261 | 1778 | 4,1 |

Ficam pelas diversas razões já apontadas, excluídas as paróquias de Arrentela, Lavradio (8), Palhais, Samouco, Sarilhos Grandes, Quinta do Anjo (9).

Verificaremos assim que é notável a diferença de médias de cada tipo. Diremos que o mundo rural se afasta mais do cristianismo que o operário ou citadino?

## À PROCURA DUMA EXPLICAÇÃO

Se bem que o afastamento da gente do campo vai sendo um facto que se afirma, a explicação parece extremamente simplista, e não justifica a relação que parece haver entre o tamanho da paróquia e a média de assistência à missa. Pelo mesmo motivo, não parece que as razões económicas, de nível de vida, sejam predominantes. A causa deve procurar-se na distribuição demográfica.

Reflectindo um pouco sobre as características da população rural, repara-se no facto de estar dispersa por pequenas povoações. Ora, olhando para o mapa, verificaremos que as localidades além de serem pequenas se encontram muito distantes umas das outras. Diríamos por isso que uma das causas quer dos fracos índices apresentados, quer da sua gradação, estaria na falta de contacto entre o povo e o padre. Isto verifica-se quando o sacerdote vive longe de grande parte dos paroquianos, ou tem a seu cargo verdadeiras multidões. Quer a distância quer a forte densidade, ambas dificultam a evangelização, impossibilitando até muita gente de ir à missa, originando uma falha notável na vida sacramental.

Diremos que as pessoas só não são cristãs por não terem padres junto de si?

Talvez fosse um exagero, pois com os padres que trabalham na Península, se o meio fosse melhor, era possível um rendimento superior sem grande esforço: Há, porém algumas circunstâncias que é conveniente ponderar:

a) em muitas regiões, deu-se uma transição muito séria na maneira de viver. Não falando já nas terras que surgiram repentinamente, em muitos sítios, embora os habitantes continuem a viver em meios rurais, vão trabalhar à fábrica. A fábrica é elemento fundamental para uma recta compreensão dos problemas destes povos. Ela cria exigências e faz nascer um novo teor de vida. Não interessa para o caso se melhor ou pior; basta que seja diferente. Ora é precisamente esta mudança que parece ter escapado à acção da Igreja. Não basta, com efeito, que o pároco nas suas homilias passe a falar dos problemas da fábrica, mas torna-se necessário uma acção que acompanhe a mudança de tipo de vida, e depois um trabalho especializado nos novos meios, de modo que a Igreja continue a estar presente nas estruturas sociais que nascem agora.

b) Outras zonas sofrem forte imigração, o que significa receberem grandes levas de pessoas na sua maioria vindas do campo, e de regiões com vida cristã melhor que a da terra aonde chegam. Que é feito dessa vida cristã? Era preciso acolher os que vêm das outras províncias e integrá-los na comunidade cristã.

Ambos estes casos merecem estudo mais demorado que talvez ainda venha a ser feito. Da simples enunciação deles, se deduz, porém, que não podem ser resolvidos sem a presença de muitos mais padres. E nota-se que se requer a presença de padres, não para efectuarem ambos os trabalhos, mas para lhes prestarem assistência. Quer o acolhimento aos imigrantes, quer a acção junto das novas estruturas sociais deve ser realizada por leigos. E havê-los-á na Península? A consideração dos índices deixa-nos muito cépticos. Parece que era preciso organizar uma leva de famílias cristãs. Mas não será uma utopia?

Deixando de parte o problema aflorado, repare-se em que não são as paróquias que sofrem *a maior imigração ou a industrialização,* as únicas a apresentar índices desastrosos. Isto mostra-nos que tão importantes, ou ainda mais, que estes dois factores *é a falta de padres.* Há extensas regiões da Península que estão pràticamente abandonadas. O prior de S. Sebastião de Setúbal, tem a seu cargo 31.282 paroquianos repartidos por 53 localidades, numa extensão de 270 $km^2$, pois está anexa à sua paróquia, a da Marateca. Achar-se-á inexplicável o índice de 1,4% da Marateca?

A falta de contacto com a vida sacramental, fez estiolar os restos de vida cristã conservada num ou noutro ponto. A palavra de Deus não é pregada, os sacramentos não são distribuídos, o povo não pode viver cristãmente.

Ao lado do imenso problema da industrialização, ao lado dos novos centros que surgem, agiganta-se o drama das terras sem padres. É que mesmo as sedes de freguesia pouco poderão contar com o seu pároco, assoberbado com o trabalho indispensável. Que assistência poderão dar os párocos de Montijo e Alcochete ao campo, quando têm centros populacionais tão trabalhosos? Qual o significado das percentagens destas terras?

Parece que o quadro apresenta factos de tal natureza que justificam um estudo

muito atento. Serão mais pessimistas as perspectivas da missão de Paris? É possível; contudo, não nos iludamos.

Somando à população das grandes paróquias rurais o número de pessoas que vivem em paróquias rurais pequenas mas sem pároco próprio e o número dos rurais de Alcochete e Montijo, ficaremos sabendo que estão em causa 83.900 pessoas. É um número suficientemente grande para que a situação seja séria. Aliás a restante população não está em condições muito melhores, pois se vive perto da igreja, e nem todos viverão, pesam sobre eles outros factores que vimos serem muito graves.

## ATÉ QUE PONTO SÃO VÁLIDAS AS PERCENTAGENS GLOBAIS?

Acima de tudo, podemos fazer uma pergunta muito importante: qual o valor representativo dos números globais? Vimos já que a sondagem tinha estabilidade suficiente para significar a prática religosa. O problema agora é outro: quem está incluido nos valores que têm até agora norteado o nosso estudo? Não é indiferente que, por exemplo, os dez por cento de praticantes de determinada terra sejam sobretudo homens ou sobretudo crianças. No primeiro caso, a Igreja teria uma influência muito mais profunda na sociedade. Não podemos contentar-nos com os aspectos quantitativos, mas pelo contrário é preciso olhar ao qualitativo das quantidades com que lidamos.

Quem reparar na primeira e na última coluna do quadro acima elaborado, logo dará pela grande diferença de valores. Essa diferença concretiza-se na diversidade das médias dos homens e global, respectivamente 3,1% e 8,6%. Quer isto dizer que se fossem proporcionalmente tantas mulheres e crianças, como homens, teríamos de reduzir para menos de metade as nossas percentagens. Com 96,9% de homens que não vão à missa, não se pode dizer que a Igreja influencie profundamente a sociedade. Quantas famílias cristãs haverá em toda a Península? Sem homens cristãos, sem homens praticantes são impossíveis famílias que vivam cristãmente. O número é desolador. Poucas paróquias podem ter 2 % de famílias cristãs, pois é preciso descontar ainda à percentagem dos homens, a possibilidade de haver 2 ou mais em algumas famílias. Calcula-se por isso o trabalho imenso a realizar. Precisamos de homens católicos, mas como teriam de ser excepcionais os 2% para fermentarem os restantes 88 %! Que trabalho ingente de formação cristã se requer! Perdidos em tal massa, como poderão estes homens viver um cristianismo autêntico?

O número das mulheres, 9,9 % é mais animador, mas é preciso dele descontar as pessoas idosas que pouca influência exercem no meio ambiente, e aquelas que não primam pela formação cristã. A sondagem não permite uma especificação mais minuciosa, mas, ao olhar para as nossas igrejas, veremos como somos obrigados a fazer descontos bem largos.

Numa palavra, mesmo não fazendo conta das reservas grandes acabadas de enunciar, temos que de 187.369 adultos, que habitam na Península não vão à missa 175.141, ou sejam 93,5 %. Com as reservas a fazer, quase se dirá que os adultos mal conhecem a Igreja, e que irão à missa uns poucos, muito poucos.

De 34.454 crianças vão à missa 6.936 — 20,3 %. Neste número há a notar, o trabalho da catequese. De facto não é de esperar que bastem os restos de cristianismo

dos pais para explicar só por si a grande diferença de número entre as crianças e os adultos. Este um aspecto positivo e reconfortante.

Porém, como explicar a diferença tão grande entre as crianças e os adultos? Que é feito dos 20 % quando chegam aos 15 anos? Perdem-se no meio da sociedade que não é cristã.

Abramos um parêntesis para apontar mais duas notas:

A — Não tivemos em conta na elaboração do trabalho as actividades exercidas pelos que vão à missa. O seu estudo talvez alterasse um pouco o quadro. Pelo menos assim tem acontecido noutros lados, no estrangeiro, onde se tem visto como os «inactivos» (10) têm parte de leão na estrutura da essistência à missa dominical.

B — Para se ver bem como é diferente a estrutura da sociedade cristã e a da sociedade normal, repare-se nos seguintes números:

| De cada 100 pessoas | | | |
|---|---|---|---|
| Que vivem na Penínrula | | Que vão à missa dominical | |
| São homens | 45 | 15 | São homens |
| São mulheres | 38 | 48 | São mulheres |
| São crianças | 17 | 37 | São crianças |
| | 100 | 100 | |

| De cada 100 pessoas que: | | | | |
|---|---|---|---|---|
| em Marselha | | | na Península | |
| vivem | vão à Missa | são : | vivem | vão à Missa |
| 18 | 30 | crianças | 17 | 37 |
| 82 | 70 | adultos | 83 | 63 |
| 100 | 100 | — | 100 | 100 |

A primeira e a terceira coluna são pràticamente iguais, mas já as outras duas nos revelam que a estrutura cristã da Península é ainda mais fraca que a de Marselha.

Perante estes valores, não nos cumpre desanimar. A sociologia, em vez de ser uma prova de falta de fé em Deus, e de confiança na sua Graça, é um convite à Fé e à Esperança, convite a um trabalho maior e melhor orientado.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Além do que ficou ao longo do trabalho, convém sintetizar em poucos aspectos, as perspectivas que nos abriu esta rápida vista de olhos por sobre a sondagem à prática religiosa, no que diz respeito à Península de Setúbal:

A — No que diz respeito ao apostolado sacerdotal:

1) Quanto à prática religiosa, os meios rurais estão de um modo geral em pior situação que os meios urbanos;

2) Verifica-se a necessidade de estudar o problema das distâncias na Península de Setúbal;

3) Salta à vista a utilidade que tem para o sacerdote, o bom aproveitamento das poucas ocasiões de contacto com os fiéis, (baptizados, casamentos, etc.) uma vez que fora dessa altura pouca influência exerce sobre a população, sob o ponto de vista religioso;

4) Os párocos vêm-se na impossibilidade física de sòzinhos resolverem a grande maioria dos problemas pastorais que se levantam;

5) É grande a dificuldade na formação de leigos que o ajudem, uma vez que a «base» de que parte é fraquíssima (6,5 % de adultos praticantes);

6) Deve prestar-se grande atenção à família, uma vez que não pode haver muitas famílias cristãs, e sem elas é impossível a formação católica.

B — No que diz respeito ao apostolado dos leigos:

1) Aponta-se o facto de que ele é imprescindível no urgente trabalho de recristianização da Península;

2) É urgente a sua organização bem estruturada, precisamente pela grandeza da tarefa a realizar;

3) Torna-se necessário apelar para os eventuais recursos da diocese quanto a apóstolos leigos, uma vez que muitas paróquias não têm possibilidade de em pouco tempo organizar o apostolado como convém. (Vd. percentagem de adultos praticantes).

Um trabalho mais demorado certamente precisará melhor estas conclusões, em virtude de permitir melhor conhecimento dos problemas em questão. Pode no entanto ficar como

## CONCLUSÃO GERAL:

Só através de um trabalho de conjunto, realizado na escala diocesana e aplicado na paroquial, trabalho que englobe padres e leigos, se pode pensar no princípio de solução nos graves e urgentes problemas que se levantam.

ANTÓNIO CARRILHO
FERNANDO MICAEL

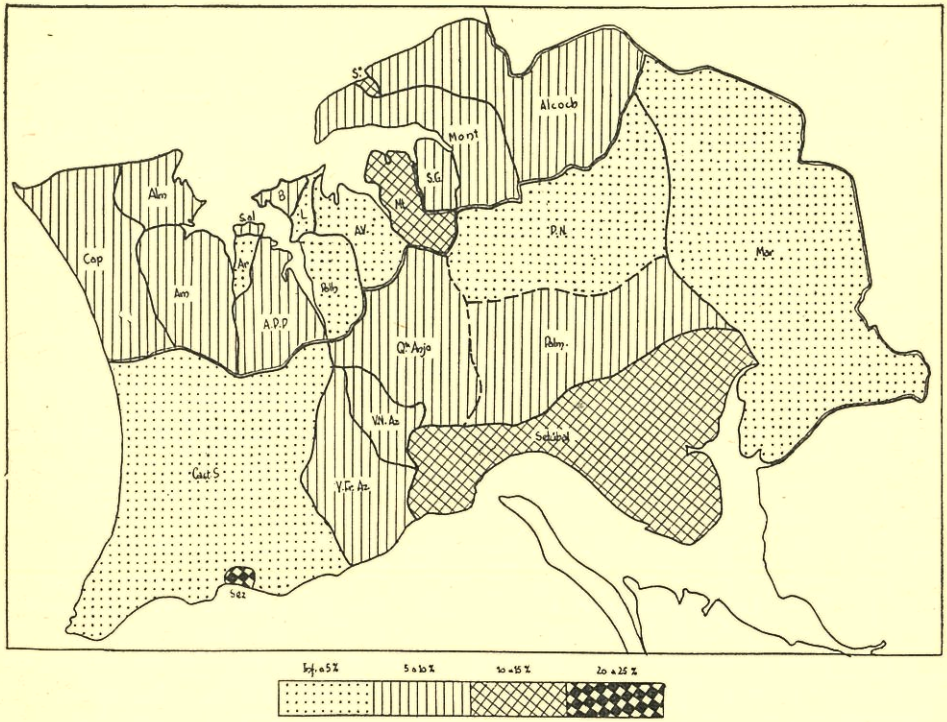
---

(1) Cf. Novellae Olivarum. Número especial — Julho, 1956, pág. 68.

(2) Por curiosidade, lembrámo-nos de verificar a percentagem de católicos na Península de Setúbal, fornecida pelo censo de 1950. A média geral é de 89,5 %, Montijo 81 %, Almada e Barreiro 84 %.

(3) Como excluímos um estudo demográfico pormenorizado do fito deste trabalho, e para

CARTA DA PRÁTICA DOMINICAL
— NA PENÍNSULA DE SETÚBAL —




mostrar a sua necessidade, empregamos algumas expressões vagas. Precisamente no caso são, por exemplo 42 as localidades reconhecidas.

(4) A população da Baixa da Banheira deve ultrapassar 12.000 pessoas.

(5) Incluem-se estas duas freguesias porque são extensas e não se englobam no I grupo com rigor.

(6) Chama-se rural aquela paróquia cujos habitantes se encontram dispersos por localidades com menos de 2.000 habitantes. Tanto mais rural será, quanto menores as povoações, ou quanto mais distantes umas das outras. O conceito de «rural» é pois diverso do conceito de «agrícola».

(7) Isto é, somando os valores absolutos e obtendo as percentagens dos somatórios. Cf. Mapa das percentagens ao fundo.

(8) Os seus valores são dados conjuntamente com o Barreiro.

(9) Cai dentro da definição do terceiro grupo, mas a sua percentagem é muito elevada (11,0 %).

(10) Isto é, que não exercem actividades remuneradas.

# PERSPECTIVAS E PROBLEMAS

*No artigo anterior, ao falarmos de alguns aspectos sociológicos do cinema, formulámos uma pergunta:* Como se deve fazer e em que há-de consistir a educação cinematográfica do público?

*Solucionado já o problema no que toca à maneira de fazer a educação do público, resta agora mostrar em que há-de consistir essa educação.*

*Uma vez que o nosso juízo a respeito do valor artístico dum filme só pode ter perfeita objectividade se conhecermos a própria linguagem do cinema, torna-se forçoso concluir ser indispensável uma aprendizagem dos meios de expressão especificamente cinematográficos.*

*É pois condição fundamental duma verdadeira cultura cinematográfica o conhecimento de todos os elementos de que se serve a linguagem fílmica.*

*Como não nos poderemos demorar numa análise demasiado longa destes elementos, veremos só os aspectos mais gerais, descendo a um ou outro pormenor que tenha interesse no conjunto.*

## *II—Como nos fala o cinema*

*Antes de mais vejamos um aspecto de grande importância:*

*A NECESSIDADE DUMA GRAMATICA — Se o cinema é uma linguagem que exprime um pensamento, deve haver um conjunto de regras ou de leis psicológicas a que obedeça o realizador, de modo que o filme traduza de maneira adequada uma vivência artìsticamente expressa.*

*A este conjunto de regras que orientam a perfeita correspondência da imagem à ideia, chama-se — e porque não? — gramática cinematográfica — problema fundamental, uma vez que diz respeito à própria verdade do filme.*

*Se o cinema é, como sabemos, arte a um tempo plástica e rítmica, a sua linguagem deve usar elementos de ordem estática e dinâmica, ìntimamente ordenados entre si. Estes elementos encontram-se màximamente analisados naquilo a que poderíamos chamar a unidade, a célula da linguagem cinematográfica* — o plano (1).

*O plano está para o filme como a palavra está para o discurso, isto é, exprime uma ideia envolvida num conjunto.*

---

(1) O plano pode-se definir, de modo material e imperfeito, como sendo a porção de filme que se encontre entre o abrir e o fechar da objectiva.

*Consideremos então o plano quer enquanto isolado, quer enquanto enquadrado numa sucessão, pois tanto duma forma como doutra, o plano tem um sentido ou um significado. Por outras palavras, se por si só já diz qualquer coisa, o plano recebe uma significação nova logo que considerado em relação com o conjunto de que faz parte.*

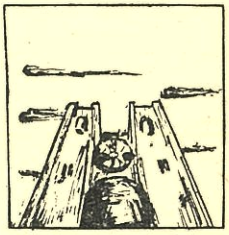
*O PLANO EM SI — Abstraindo agora do movimento sucessivo das imagens, que é essencial ao cinema, vejamos quais são os elementos duma única imagem pelos quais ela está carregada de um significado, que pode ultrapassar a simples realidade de que os sentidos são testemunha.*

*Para não entrar numa análise excessivamente longa, não se pode mais do que limitar-nos a uma rápida vista de olhos.*



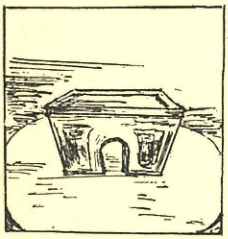
1—A, B e C: Três planos diferentes

*APROXIMAÇÃO DA REALIDADE — A significação dramática dum plano isolado é função, em primeiro lugar, do tamanho do plano, ou melhor, do grau de aproximação ou afastamento com que a realidade nos é apresentada. Assim, aumenta a intensidade emotiva à medida que diminui o tamanho do campo visual.*



2—«Contre-plongée»

*ÂNGULOS DE VISÃO — Mas se uma fita pode apresentar numa imagem tanto uma cidade inteira como um pequenísimo pormenor, pode também mostrar-nos o objecto sob inúmeras perspectivas, uma vez que há a possibilidade de variar o ângulo de visão. E conforme as diferentes maneiras de se olhar para uma coisa, assim essa coisa pode passar a ter um sentido diferente. É o caso, por exemplo, do «plongée» e «contre-plongée».*



3—«Plongée»

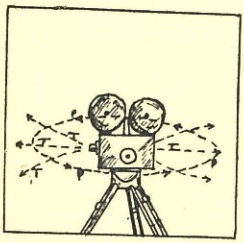
*OUTROS ELEMENTOS — Para além disto, o plano apresenta diferentes ambiências, consoante variam a luz, o «décor» e outros elementos de ordem pictórica, como a cor, que se conjugam todos para dar à imagem um enquadramento especial.*

*INTÉRPRETE — É claro que o papel desempenhado pelo intérprete tem uma função primordial neste aspecto da expressão da ideia pela imagem. O cinema,*

*como arte imensamente humana, não pode deixar de atribuir um relevo enorme e essencial à pessoa, ao homem. É para ele que o cinema existe e é dele que o cinema fala. (Como é evidente, ao dizer-se isto não se pretende incluir certo tipo de cinema documental, que não fotografa tanto o homem como a natureza ou as coisas).*

*O MOVIMENTO — Ultrapassando, porém, todos estes elementos que definem a significação da imagem, elementos que têm um carácter meramente estático, importa considerar o plano do ponto de vista quinético ou dinâmico, pois o movimento das figuras e a sucessão das imagens são de própria essência da sétima arte.*

*Sem já falar da movimentação dos personagens ou objectos, há no cinema um meio de expressão muito especial e que é o movimento de câmara. Esta tem a possibilidade de se deslocar, atraindo assim a atenção do espectador, aumentando nele o grau de intimidade com a acção. Vimos atrás que uma cena ganhava em intensidade dramática, quando se passava dum plano de conjunto para um plano aproximado; ora esta modificação da perspectiva só é possível se se aproximar a objectiva num movimento chamado* «travelling». *Também a câmara pode girar em torno dum eixo fixo, descrevendo assim como que um olhar panorâmico, que nos aproxima da realidade, ajudando-nos a participar na acção.*



P—Panorâmica
T—«Travelling»

## Um novo grau de análise da linguagem — o plano no conjunto

*Até aqui temos observado o plano em si, considerando-o nos seus elementos, pelos quais ele é expressão duma ideia, seja ela simples ou complexa.*

*É indispensável, no entanto, mencionar o facto de que o plano só tem existência e só tem sentido completo, quando enquadrado num movimento sucessivo de imagens. Quando este conjunto, resultante da fusão dos planos que se sucedem, forma um todo, tem um sentido, chama-se* sequência. *Para usar novamente da analogia com a linguagem literária, pode-se dizer que o plano está para a sequência como a palavra está para a frase.*

*O filme completo resultará, pois, do encadeamento das diferentes sequências, até perfazer inteiramente a acção fílmica.*

*MONTAGEM — Este trabalho de fundir os planos em sequências e de justapor as sequências de modo a compor o filme, não pode ser feito duma maneira arbitrária, mas implica obediência a todo um conjunto de normas, no que diz respeito ao tempo correspondente a cada plano. É a esta «organização de toda a massa dos planos realizados e à sua síntese nas condições de ordem e de tempo» (Poudovkine), que se chama* montagem, *a própria essência da sétima arte.*

*Na verdade o cinema, como arte realista que é, apresenta-nos as coisas materiais ligadas às condições de espacio-temporalidade.*

*Daqui se conclui que é indispensável haver uma lógica ordenação ao tempo, naquele movimento sucessivo de imagens, ou seja, é preciso atribuir a cada plano a duração que lhe compete, assim como se deve estruturar lògicamente o desenvolvimento das diversas cenas.*

*RITMO — Nasce assim uma musicalidade, ou melhor, um ritmo de imagens, que dá ao filme um colorido especial, uma vida nova.*

*Este ritmo é particularmente importante quando se trata do ambiente a criar, quer ele seja de serenidade, quer de tensão nervosa ou de angústia.*

*Clara exemplificação do que fica dito temo-la no filme* «Lágrimas de sangue». *É perfeitamente visível como um ritmo lento, deprimente e opressivo dá ao espectador a sensação de drama e de amargura.*

*Isto é de tal maneira importante que «se uma obra fílmica é um poema, um drama, uma epopeia, uma tragédia, uma sátira, um planfleto, ou um simples facto normal, não o será sòmente pelo assunto mas pelo estilo, quer dizer, precisamente pela utilização do complexo espaço-tempo, segundo certas estruturas».*

*SOM — Falta ainda falar dum elemento que, embora absolutamente diferente da imagem, nunca se encontra, no cinema de hoje, separado dela — o* som.

*O papel do som — seja ele a voz humana, a música, ou qualquer outro ruído — tem importância tão evidente, quer no contribuir para o realismo do filme, quer em dar ao cinema novas possibilidades de expresão, que parece desnecessário determo-nos mais no assunto.*

*Em pequeno apontamento, acabámos de ver quais os elementos de significação cinematográfica.*

## Graus de significação

*Mas esta significação não diz respeito sòmente à história ou ao caso que o filme nos conta; pelo contrário ela é ambígua ou polivalente. Na verdade, numa autêntica obra de arte, os factores percepcionáveis pelos sentido são veículo duma mensagem mais profunda, são símbolo dum pensamento e duma realidade que está, como se disse, muito para além da história que nos é contado.*

*Mais uma vez nos poderíamos servir de* «Lágrimas de Sangue» *para exemplificar esta multiplicidade de significações. Neste filme há, pelo menos, três:*

*1 — A história dum pastor protestante negro.*

*2 — O problema da segregação racial na África do Sul.*

*3 — A realidade da dor humana.*

*O cinema tem este magnífico privilégio de poder conter vários graus de significação, uma vez que pela sua linguagem se atinge o transcendente, pelo concreto, chega-se ao abstracto, pelo material, ao espiritual.*

*A acção do homem confere, assim, aos valores plásticos um carácter de símbolo, por cuja transparência se pode ver um valor de ordem especìficamente humana.*

*Mas, como é natural, nem sempre desde o princípio da história do cinema, a sétima arte teve este carácter de linguagem ambígua e transcendente. Nos velhos tempos do cinematógrafo, os contemporâneos de Lumière limitavam-se a colocar a objectiva em frente da cena, e depois a projectar, diante do olhar espantado dos assistentes, aquelas fantasmagóricas imagens que se moviam.*

*Embora já Georges Meliès, nos princípios do século, se tenha desprendido desta forma de teatro filmado, encontrando um princípio de elaboração verdadeiramente*

*cinametográfico, só depois de 1920, principalmente com «A Roda» de Abel Gance, é que se descobre na linguagem do cinema a potencialidade de vários graus de significação.*

*Se fôssemos a comparar um dos primitivos filmes com muitas obras posteriores a Abel Gance, notaríamos precisamente esta evolução da linguagem cinematográfica no sentido da imagem — símbolo, que realiza a transição do concreto para o abstracto.*

*O cinema, pois, longe de ser uma reprodução do mundo exterior, é mais exactamente uma transfiguração, ou se prefere, uma orquestração desse mundo exterior.*

## O cinema — factor de humanismo

*Surgiu assim um meio de expressão diferente, novo, e portanto uma cultura nova. E o cinema é uma linguagem diferente porque nos traduz uma realidade teórica duma maneira concreta, viva, existencial.*

*Por ele se faculta intimidade, participação e «con — vivência», mais do que por qualquer outra forma de expressão artística, precisamente porque usa dum simbolismo carregado de valor humano.*

*O cinema é, assim, importantíssimo factor de humanismo, mas humanismo total, vivo e vertical, porque nos revela o universo, revela-nos o homem e aproxima-nos do Absoluto.*

*E revela-nos tudo isto duma maneira incarnada, ligada à Terra e à vida humana, expresso duma forma plástico-rítmica.*

*Precisamente a partir deste carácter de humanismo concreto e vivo, compreende-se ainda melhor a razão por que no artigo anterior se disse que havia toda a vantagem em incluir a cultura cinematográfica na tradicional aprendizagem de humanidades, aprendizagem que está a ser tão abstracta e tão petrificada.*

*É evidente que o cinema tem todas as possibilidades de totalizar este humanismo incompleto, realizando a síntese da cultura e da vida.*

LUÍS MOITA

# O PROBLEMA DAS IMAGENS

Ainda que Marcel, falando do nosso tempo, diagnostique um vício ao referir uma problematização universal do que nas épocas anteriores se considerava evidente», pode-se, no entanto, generalizar este princípio. O vício é, afinal, uma tendência boa degenerada. O ponto está em purificarmos, para descobrirmos a virtude.

Um século após a era racionalista, a dúvida é necessária para daí resultar a certeza. Abrem-se os espíritos a valores, desde que eles sejam explicados. Perante experiências inabituais, é necessário que os caminhos se manifestem. Caminhos que, agora, exigem mais atentos cuidados e investigações, pois estamos mais adultos que os nossos antepassados de há dez ou vinte séculos.

Ora o problema da arte no templo católico orienta-se no sentido duma hierarquização de valores, que permita coordenações e subordinações. Para tal se exige um conhecimento perfeito de todos os elementos que entram na construção do edifício sagrado, uma distinção clara entre o essencial e o acidental e, finalmente, um princípio de harmonia e unidade. É nesta última exigência que reside a chave do problema, mas ela é pertença exclusiva do artista, pois se move na esfera da intuição e da criação.

Coordenam-se as duas finalidades últimas duma Igreja — ser casa de Deus e ser casa do Povo de Deus; subordinam-se o acidental ao essencial, o secundário ao primário, o vantajoso ao imprescindível...

Qual será, neste emaranhado de valores, o lugar da imagem e, especificamente, da imagem-estátua?

Importa, antes de mais, precisar conceitos e estabelecer o papel do Cristianismo no evoluir da estatuária. Retomando, ulteriormente, as noções gerais, aplicar-se-ão ao caso particular que me ocupa, pretendendo abordar sòmente o problema e nada resolver.

## NOÇÃO DE IMAGEM

Em todos os tempos o homem foi artista, pois que desde sempre necessitou de um modo de expressão e de um termo de diálogo. Exprime-se não só para comunicar com o *outro homem,* mas também para constituir o passado em permanência, para se contemplar a si próprio mediante a própria obra. Sendo espírito, procura ocasiões de amar ou seja de viver; mas sendo um encarcerado nas actuais condições terrenas, só através da matéria consegue exprimir-se.

Já na fase ornamental da arte, o homem quer fixar um sentimento, um instante de vida que se estabilize. Depois, quando a natureza lhe serve para modelo entra no realismo. Mas logo transcende o modelo, tomando-o como veículo das suas aspirações religiosas. Cria monstros e colossos, onde vai todo o seu desejo de superação e domínio,

cria figuras estranhas em que se afirma, altivamente, capaz de modificar, de *criar* pelo aglomerado engenhoso de elementos díspares (1).

Este é o verdadeiro ídolo, perante o qual a criatura se adora a si mesma. Mas desenha-se uma hesitação. O espírito demonstra-se superior à matéria e tudo experimenta para se afirmar como tal; no entanto, os fenómenos naturais desconhecidos dominam as inteligências, e as próprias obras do homem voltam contra a sua sensibilidade a carga emotiva de monstro ou absurdo. O idólatra tateia, desde então, à procura do deus, desse Além que ele consegue definir apenas negando o *aquém* — objecto proporcionado às suas forças e capacidades.

Com a filosofia helénica, a matéria é desacreditada. O homem, esse permanece o valor único no mundo universal, a «medida de todas as coisas». Os deuses não escapam a esta lei. Contudo, o grego sabe distinguir o mito da realidade. Sabe que o homem domina a matéria, mas sabe, do mesmo modo, que homem e matéria estão sujeitos a um Senhor Supremo ou a vários deuses. A habitação destes é distante, e o Olimpo inacessível. Mas, o símbolo pode torná-los presentes, de uma presença significada, é certo, mas sugestiva. E é ao homem, como criatura mais perfeita, que compete simbolizar o que é mais perfeito que a criatura.

Os primitivos povos haviam confundido o símbolo do seu deus com o próprio deus. Usando um paradoxo, falar-se-ia de simbologia imanente, em que o ídolo é símbolo da sua própria divindade, em que a coisa diz expressamente o que pretende ser. O paradoxo revela, afinal, o absurdo da idolatria. Os gregos, adorando falsos deuses, colocam-nos ao menos em seu devido lugar.

Com a interpretação do enigma do Além, surgiu outro enigma: a consecução humana desse Além. Já no período sinaítico da arte egípcia e, sobretudo, com Policetas, na Grécia, as figurações do homem se caracterizavam por um sorriso melancólico e sereno, perplexidade que o hábito e a impotência tinham feito resignada.

Concluindo, pode-se resumir. Fora estabelecida a distinção entre realidade e símbolo. Deus era concebido como realidade distante; a matéria, como elemento simbólico na arte; o homem, simultâneamente como a realidade imediata mais nobre e como o símbolo da divindade.

Só a arte cristã virá transformar o enigma em mistério, mas a linha permanece a mesma. Porque Deus se torna verdadeiro homem, os homens são divinizados. A arte encontra toda a realidade que tem por fim significar, e a religião da graça vai transfigurar o mais perfeito humanismo natural — o da Grécia.

*
* *

Foi devagar e por entre lutas e oposições, que a arte se estabeleceu na Igreja. O seu carácter permanece acentuadamente espiritualista nos dois ou três primeiros séculos, em que se limita, quase exclusivamente, a motivos alegoristas aproveitados da Bíblia ou da Liturgia e a símbolos de importação oriental. A figuração ocupa-se, quando existe, de Jesus Cristo e da Virgem Santíssima, nunca aproveitando a escultura. A execução desta era, aliás, muito difícil nas catacumbas e, particularmente quanto à estatuária, o transporte de pesados e incómodos blocos trazia ainda maiores problemas. Simultâneamente, o perigo da idolatria, que tomava a seu cargo, quase

integralmente, o ofício dos produtores de imagens, ocasionava proibições rigorosas da hierarquia. Não era fácil viver com os cristãos, por únicos fregueses, nem era prudência expor nas oficinas as obras de inspiração não pagã. A escultura, sem personalidade alguma, reduz-se a ornamentar os sarcófagos.

É o fresco a verdadeira riqueza das catacumbas, o documento da vida cristã em sua fase de mais pura frescura e simples verdade. Para os pintar, o Cristianismo não inventou estilo. Algumas cenas do Antigo Testamento ligam-se por tais afinidades com a mitologia pagã, que somos levados a pensar numa real imitação; o célebre Bom Pastor do século III é uma réplica a uma obra de Pretextato.

E, todavia, algo de inédito distancia infinitamente estas obras dos seus modelos. Há uma vida interior transbordante em drama, em surpreza ou em paz. A alma ousa revelar-se na certeza e na experiência da salvação.

Genuinamente cristã é, porém, aquela arte que se pode definir através dos chamados «orantes», figuras em êxtase ou adoração. Os produtos religiosos da arte pagã conseguiam, por vezes, um hieratismo plástico e exterior, aparentando atitudes convencionais. De modulações expressivas, conheciam apenas uma doçura complacente, uma severidade estéril... e um constante vazio de emoção mística. Os olhos, que eram descurados (2) não só em estátuas mas na própria pintura, tomam nos «orantes», de modo inesperado e estranho, formas desproporcionadas e irregulares: — «como que estão emancipados; apoderam-se de tudo; é um fogo donde tudo irradia, são eles que falam ao espectador». Ora, «se nós perguntarmos em qual dos órgãos aparece a alma enquanto alma, logo pensamos que é nos olhos, porque no olhar a alma se concentra» (3). Nestas obras, a ingenuidade dos primeiros crentes não se contentou com os olhos na sua grandeza normal. Sentiam-se portadores duma mensagem, cuja transcendência excedia tudo o conhecido até então. Ultrapassando, porém, os limites que medeiam entre a vida e a arte, a natureza e a transfiguração, Hegel dirá da obra artística em geral que deve ser «o olhar que reflecte a alma livre em toda a sua infinitude interna». Nos próprios «orantes» o princípio se verifica: «a l'élan de ces braces au jet de ces larges manches d'ou s'échappent les mains, vous sentez l'ardeur et l'enthousiasme dont sont possédés ces croyants» (4).

A forma e execução é, muitas vezes, imperfeita, o estilo não existe ou é helénico-romano. É que, se em tudo a graça pressupõe a natureza, quando abordamos o campo da criação artística, por maiores razões se há-de respeitar a índole de um povo, a espontaneidade do indivíduo. A obra deverá ser produto vital, imediatamente derivada da riqueza própria, que sob diversos climas e ambientes assim diversamente se alimentou. Exige-se que tal riqueza e tal vida sejam cristãs mas, na mesma proporção, devem continuar humanas sob todos os aspectos. Se as representações de passagens típicas do Antigo Testamento e se a estatuária, mais tarde, possui, desde a base, influências da Alexandria helenizada, não podemos fixar um cânon de formas e convenções para uma suposta arte tradicional cristã. De resto, é este um dos princípios que a tradição nos ensina.

Dois exemplos apenas: a arte bizantina e a arte espanhola. Uma desenraizada do real, outra apaixonadamente identificada com ele. Ao hieratismo de figuras simbolizadas e majestosas de Bizâncio, contrapõe-se o «mais verdadeiro que a realidade» o que nos toca os sentidos, por eles entra e connosco se identifica. Qual a mais cristã? A que melhor responder às naturais aspirações do povo donde nasceu e para que

nasceu: sejam estas duma intelectualidade cuja paz a aproxima do sonho, ou duma ardência emotiva e sensorial.

*

* *

A euforia e exaltação que o edito de Constantino (313) causou na comunidade cristã, reflectiu-se também na arte, em condições novas e de novas exigências. Às criptas funerárias e aos pequenos oratórios, sucederam-se as grandes superfícies das Basílicas e das Igrejas que era necessário decorar, os grandes espaços de construções monumentais que, de frios e mortos, urgia transformar em ambientes orgânicos, melodiosos, humanos. Ao fresco, seguiu-se o mosaico e a estátua.

Algumas controvérsias surgidas então, fazem-nos adivinhar a finalidade no templo da imagem em geral e da estátua em particular. Já no século III, Tertuliano e Clemente de Alexandria haviam recordado, intencionalmente, as rigorosas proibições do Antigo Testamento, e os abusos originados pela desobediência. Se bem que se tornava pràticamente impossível que o povo greco-romano abdicasse dum convívio com representações sensíveis, verifica-se, no entanto, que o símbolo de carácter intelectual e abstractivo, ganha a preponderância nas comunidades primitivas. Os campos da idolatria e do culto das imagens não estavam suficientemente definidos. Afirmam-se, por vezes, indistintamente um e outro como reino do demónio. Mas, se Eusébio defendia esta opinião, já Leôncio, Bispo de Neápolis (Chipre) esclarecia no séc. VI «as imagens são livros sempre abertos que explicam e são veneradas nas Igrejas a fim de que, ao vê-las, nos recordemos do próprio Deus e de O adorar em suas obras e nos seus santos». Quase todos os Padres são unânimes neste ponto, e o segundo concílio de Niceia (787) esclarece: «porque nós somos sensíveis, não podemos tender às coisas inteligíveis senão por meio dos símbolos sensíveis». S. João Damasceno assim responde ao orgulhoso que prescinde das imagens: «Tu, talvez, tu és alto e imaterial; elevando-te acima do corpo e tornado sem carne, desprezas tudo aquilo que se vê. Mas eu, eu sou homem rodeado de um corpo, e desejo, mesmo com o meu corpo, encontrar e contemplar as coisas santas».

O «símbolo sensível», toma o lugar do «símbolo desincarnado» no género da abstracção. Sendo mais co-natural ao homem, inevitàvelmente responderá melhor às suas exigências vitais e imediatas. Enquanto que a representação pela imagem, *re-apresenta* a realidade, o símbolo apenas a sugere. Quando, no Baptismo, a água simboliza o espírito que purifica, ela permanece água com todos os seus efeitos próprios. E é em razão de se apresentar como elemento que lava que, perante ela, o nosso espírito é referido à Realidade Superior que, no seu plano e sob determinado aspecto, usufrui de propriedade idêntica. Pela mecanismo da associação de ideias, dois conceitos irredutíveis entre si aproximam-se, e um substitue o outro, mediante certa analogia. A imagem, pelo contrário, exprime a realidade na medida em que assume o modo normal dessa realidade se apresentar. O símbolo é criação da mente; a imagem é o reconhecimento da própria maneira de falar de algo pre-existente. E certo resultar daqui uma sobreposição de sinais: a aparência da realidade, que, já por si, é significativa da realidade e o «modo artístico» pelo qual é significada a «aparência da realidade». Mas tanto o primeiro como o segundo são cognoscíveis por uma intuição espontânea , imediata, directa, fácil, rápida. O símbolo apenas exige o conhecimento de um sinal. Mas este conhecimento, se versa sobre um objecto menos

complexo porque é único, é, por outro lado, mais difícil e realiza-se sòmente após uma iniciação. Símbolo e realidade encontram-se na mente do espectador mediante um certo raciocínio rudimentar. A imagem opera, por si mesma, esse encontro — e é o único acto de imediata intuição, que eu apreendo o seu elemento significativo e a relação que o liga à realidade (5).

Nesta lógica, poder-se-á avaliar do «carácter simbólico» duma obra de arte, consoante for mais ou menos independente do modelo exterior, conforme se basta a si própria em maior ou menor grau. É assim que a pintura ganha à estatuária em poder expressivo e perde como *presença* «sui generis» da realidade e como termo de diálogo.

*
* *

O cristianismo trouxe à arte religiosa o seu motivo ou assunto próprio. De mero símbolo de Deus, o Homem é, em Jesus Cristo, unido à própria divindade.

Mas aqui importa, sobretudo, estudar o homem que atinge a perfeição no sobrenatural; perante a sua imagem podem os fiéis, por intermédio da mais portentosa obra divina — a santidade — chegar ao conhecimento e à adoração de Deus. O valor da imagem, rigorosamente simbólico, é-lhe conferido pelo tratamento artístico. Como efeito próprio da estátua, proporciona esta ao espectador uma sensação de companhia.

## A IMAGEM NO TEMPLO

O Directório dos Bispos Alemães para a construção das Igrejas nota que: «é missão do construtor encontrar uma solução que satisfaça aos diferentes fins e aplicações da casa de Deus, de uma maneira, quanto possível, perfeita». A solução, pois, do problema da iconografia está dependente da função dos santos na Igreja de Deus.

Esta não se orienta, exclusivamente, para um determinado fim. Por outro lado, não a podemos classificar apenas no plano das «devoções extra-litúrgicas» ou «individuais». Efectivamente, «no decurso do Ano Litúrgico celebram-se não sòmente os mistérios de Jesus Cristo, mas também as festas dos Santos. Nestas festas, conquanto se trate duma ordem inferior e subordinada, a Igreja tem sempre a preocupação de propor aos fiéis exemplos de santidade, que os movam a praticar as virtudes do mesmo Divino Redemptor» (6). A função dos santos é, assim, uma função permanente. Não especificam determinada forma de culto comunitário ou ministério hierárquico, mas encontram-se inseridos na trama de toda a Liturgia, ainda que «numa ordem inferior e subordinada». O seu papel no Templo será levar-nos a «imitar as virtudes daqueles cujas imagens veneramos», em primeiro lugar; e, depois, «a que imploremos o seu auxílio e sejamos protegidos pelo patrocínio daqueles em cujos louvores nos deleitamos».

Como arte sacra, deve a iconografia respeitar rigorosamente tais princípios doutrinais, em correspondência às preocupações da Igreja: «tem-na ela sempre rodeado de assíduos cuidados, para que esteja em plena harmonia com as leis que a doutrina divina inspira e com uma ascese irrepreensível, e possa, assim, reivindicar o justo título de Sacra» (7). Deve o artista ter como ponto de partida que o Santo não é

um valor absoluto no Templo mas nele se encontra subordinadamente. É pois a orgânica arquitectónica que deve explicar e justificar tanto o número e qualidade das imagens como a sua disposição e exposição aos fiéis.

Antes de avançar, é necessário deter-me numa consequência imediata e prática do princípio enunciado: a colaboração estreita entre os diversos autores do edifício sagrado nos campos respectivos e a superintendência que incumbe ao arquitecto. A este compete, primàriamente, realizar a finalidade essencial do Templo: a celebração do Sacrifício para a assembleia dos fiéis. Qualquer outro fim exige do escultor, do pintor... perfeito conhecimento da concepção de todo o edifício, nas suas linhas fundamentais.

Pode ela obedecer a uma consideração do Mistério sob o aspecto da transcendência, da tragédia, da simplicidade... Além disso, cada época goza de especial ambiente que vai conferir determinado carácter à arte que origina. O Românico obedece a uma mentalidade humilde, submissa às leis da gravidade a que se opõem grossas paredes e janelas estreitíssimas. O altar é normalmente, elevado, como um símbolo de salvação e de força. Toda a ornamentação é atraída pela importância e robustez das superfícies e pela força das colunas. Os capitéis são muitas vezes figurativos. Mas é só no século XI que a estatuária, sepultada pelas heresias iconoclastas, aparece sob a forma de relicários e baixos relevos. No século seguinte, torna-se grandiosa e dramática animando os tímpanos e sublinhando as fachadas. Mais tarde, o Gótico com o domínio pleno dos materiais, organiza espaços a seu belo talante. Daqui a liberdade e serenidade que se respiram. As estátuas ganham autonomia, criam um espaço à sua volta, apresentam-se como centros de interesse anunciando o movimento humanista que se aproxima. Mas, ou no Românico ou no Gótico, preside sempre a ideia mestra de que o arquitecto é senhor; e mesmo quando mais independentes, as estátuas são integradas no conjunto por um tratamento adequado da parede, por um pequeno baldaquino, por um nicho, etc.

*

Considerada em si mesma, a imagem afasta-se vertiginosamente de toda a apresentação profana e de toda a ornamentação sagrada não figurativa. Ela é um valor por aquilo que representa — o caso de maior perfeição humana — e pelo benefício altíssimo de intercessão que significa. Na base comum, encontra-se a unidade do Corpo Místico de Cristo que ela de modo admirável fomenta e realiza.

Subindo deste campo particular ao plano geral da Liturgia, vemos que esta é «o culto integral do Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, da Cabeça e dos membros» (8). Nela devem participar, por conseguinte, de modo adequado ao seu estado actual, os cristãos já passados à glória.

Por isso, deve a arte respeitar as verdadeiras relações entre a Igreja terrestre e a celeste, colocando os «santos» em lugar de honra e tratando a sua figuração de acordo com esta dignidade. «Proibam (os Ordinários) severamente que estátuas numerosas e imagens de pouco valor, esteriotipados pelo tempo na sua maior parte, sejam expostas sem ordem nem gesto à veneração dos fiéis, sobre os próprios altares ou nas paredes próximas das capelas» (9).

Ora, viu-se já que o efeito próprio da imagem-estátua é uma sensação de companhia. De igual modo, sabido que, de entre os elementos subordinados à arquitectura,

é a pintura e o mosaico que mais favorecem a atmosfera de elevação e transcendência que deve reinar no templo, não pode a estatuária reivindicar primàriamente para si a obtenção de tais efeitos. A sua função principal é concorrer para o espírito comunitário da assembleia cristã.

Todos os fiéis, quer sejam Igreja militante quer sejam Igreja triunfante, formam um mesmo Corpo, pois que todos participam de Jesus Cristo. Assim, por ser Cristo o princípio de unidade de todos os fiéis, devem os santos representados orientar-se para o altar, porque «o altar é o próprio Cristo» ([10]).

De carácter acidental mas nobre no recinto sagrado, a estatuária obedece ainda a uma ordem interna que, na linha das soluções perfeitas — a que deve atender o construtor da Casa de Deus — é digna de consideração.

Sendo um homem, o Santo é senhor duma personalidade, é um indivíduo caracterizado em si próprio, diferente de todos os outros. E precisamente porque foi santo, levou à mais plena realização o seu modo original de ser. Merece pois ser representado sob uma preocupação de fidelidade à pessoa, à sua vida, às suas virtudes, e ao seu lugar na hierarquia eclesiástica ou fora dela.

O problema concreto de imagens sobre altares é susceptível de merecer por instantes a nossa atenção, pois nele se aplica, dum modo muito especial, o que ficou anotado nas páginas precedentes.

Regressando às catacumbas, é domínio comum que os altares guardavam uma notável relação com o culto dos mártires.

Nas pedras tumulares das sepulturas era celebrado o Sacrifício e, posteriormente, o mesmo costume foi mantido, mercê das relíquias que ainda hoje se encontram em qualquer pedra de ara. O próprio nome de «túmulo» permaneceu, designando o receptáculo para elas. Assim, os participantes no Mistério do Calvário, que se renova, tornam presentes o seu *testemunho* e significam a totalidade do Corpo Místico sofredor.

Daqui proveio o hábito consagrado pelo Pontifical de atribuir um altar a um santo: «que seja santificado em louvor ao Deus Omnipotente, à gloriosa Virgem Maria e todos os santos e também ao nome a à memória do santo N...». Necessitará esta dedicação particular e determinada que a imagem do cristão celebrado seja exposta à vista de todos? Naturalmente que não. Haverá, ao menos, uma certa conveniência?

Admite-se que o valor essencial do altar provém da função que lhe é própria enquanto Mesa do Sacrifício, já enriquecida pela presença do Corpo Místico, que as relíquias simbolizam e, em parte, efectuam.

Se considerarmos, porém, o altar-mor duma igreja, este aparece imediatamente como sujeito de um novo valor: a *individualidade* conferida pela família de cristãos que ele reuniu à sua volta. «Onde quer que os Pastores podem reunir um núcleo de fiéis, levantam um altar, sobre o qual oferecem o Sacrifício e em torno do qual se ordenam os outros ritos apropriados à santificação dos homens e à glorificação de Deus» ([11]).

Não assim quanto ao restantes. Eles ordenam-se para o santuário que, para todos os efeitos, é ponto de atracção universal. Nas antigas catedrais, convergiam mesmo para a capela mor, significando a união de todo o colégio dos cónegos ao seu

Bispo. Hoje em dia, pelo número de sacerdotes e por outros factores, os altares multiplicam-se em Igrejas médias e pequenas. Qual a solução que lhes assegure uma certa autonomia, requerida pela dignidade do Sacrifício, e, simultâneamente, não destrua a unidade de toda a construção?

Fica a pergunta em suspenso para um estudo mais cuidado do problema. Mas não haverá na imagem um partido a aproveitar neste capítulo?

A imagem, pela sua própria natureza, encontra-se incluida na lógica arquitectónica do templo, quer do ponto de vista dogmático quer do artístico. O santuário justifica-lhe a existência e a sua presença ali. Se o altar é dedicado ao santo, também ele, imediatamente, entra na orgânica viva da construção total, não perdendo, contudo, o seu valor individuante. Antes pelo contrário, este se caracteriza e intensifica. Só alguns fiéis se congregam, normalmente, diante dele, solicitados por sua comum devoção. E mesmo que toda a comunidade preste culto à Santíssima Virgem ou ao patrono, ela não procura o vínculo sobrenatural e a génese da sua essencial unificação, mas usa apenas de um processo para homenagear o protector, glorificando a Deus. Não é a comunidade enquanto comunidade, mas enquanto especificada num seu aspecto particular.

* *
*

Comparando tudo o que se disse com tudo o que se tem feito, compreendemos bem a necessidade da problematização de dogmas falsos, de doutrinas erróneas, para que de novo o Povo de Deus se encontre e sinta em sua própria casa.

Na arte em geral, vários períodos assistiram a movimentos utilitaristas de sensualidade ou de política. Pior se vai na pretensa arte sacra de hoje, em que muitas das realizações mais parecem nascer de certo «fariseísmo» supersticioso.

Por vezes, nem ornamentam nem são objectos de culto. Pura e simplesmente — são imagens! Mas se estas não se ajustam ao conceito teológico correspondente e se a arte lhes não confere o seu valor próprio de símbolo, de relação, incorremos em grave perigo de idolatria.

Estas reflexões trouxeram-nos à derradeira questão do problema. Considerei a imagem em si e no templo, naquilo que representa e como o representa. Resta falar do artista e do destinatário.

No fundo, os dois são um só: o homem, de tal tempo e de tal lugar. É *o homem* a criar objectos de contemplação e de culto para o *homem* e, para tanto cada indivíduo contribui com as suas posses. Um dá, o outro recebe — mas o conteúdo da mensagem é idêntico.

Em cada século subsistiu uma verdade que preocupava, um mistério que, entre todos, especialmente se vivia e, com dependência de uma e de outro, um comportamento característico perante os «santos».

A arte do séc. XII, nascida à sombra dos mosteiros e sob a influência de Bizâncio, é serena, optimista, luminosa. O séc. XIII eleva-se às alturas da espiritualidade e do moralismo, respeitados e favorecidos por uma arte idealista e ligada ao maravilhoso. Para os fins da Idade Média, o «santo» entra na vida comum, é representado com fisionomia e vestuário locais, tornando-se familiar.

Só na Contra-Reforma se encontrará, de novo, uma arte integralmente cristã. A preocupação de estabelecer e reivindicar o dogma e a verdade fornece os temas:

o martírio e o êxtase, os documentos e pergaminhos da religião católica. Mas o academismo fez estiolar o que, já de si, desconhecia o desinteresse das produções artísticas mais puras. E, hoje, uma barreira de sensibilidades afeitas ao vício se interpõe, entre nós e os *«santos» para nós.*

Sem dúvida, que deverão eles possuir serenidade, espiritualismo e proximidade, como na Idade Média, e valor apologético, como na Contra-Reforma. Mas, circunstâncias distintas levam a pensar em rumos bem definidos para a iconografia contemporânea.

Passou o reino da lenda. A época actual caracteriza-se por um criticismo apaixonado pela verdade. Superam-se as distâncias e os tempos, e o homem procura o homem como realmente viveu em cada lugar da terra, no decorrer de toda a História.

Que admira a sequente febre de humanismo, a ânsia do humano?

Mas, como nos povos primitivos, o drama continua. Um romance de Bernanos ou um documento, como a recente mensagem natalícia de S. S. Pio XII, nos demonstram o homem acima do Universo e nos mostram o Universo por cima do homem. A sociedade revela-se, neste século, detentora de forças desconhecidas e reina a «auto-idolatria» dos ajuntamentos anónimos. Perde-se a noção de pessoa e de comunidade. E tentação é a de sempre: criar o nosso ídolo, a criação racional que se basta a si mesma, pois que é pura abstracção, o ídolo da técnica ou da ideia.

A resposta do Cristianismo é constante e eterna, pois se baseia no real, no concreto. O cristão de agora, porém, exige da Igreja, mais do que nunca, a Realidade mais alta, na mais acessível incarnação.

Antes, urge desembaraçá-lo de todas as bugigangas acumuladas por épocas decadentes, é preciso o *despojamento.*

Mas que as imagens tornem a humanizar os templos, apresentando o homem pacificado com o mundo, pela esperança, e com a humanidade, pelo amor, o homem perfeito, na posse da Redenção e da Glorificação.

NORONHA GALVÃO

---

(1) Sempre na tradição cristã, *o ídolo* foi considerado como falseamento da realidade (Cf. Dict. de Théologie Catholique, t. VII, 1.ª pt., col. 788-789). Os Padres gregos limitam o termo aos produtos da imaginação «como seja uma figura simultâneamente de homem e de cavalo» (Orígenes).

(2) *Descurados* como valor expressivo autónomo, de maneira alguma como *pormenor importante* do conjunto.

(3) *Estética, o belo artístico ou o ideal,* HEGEL, Trad. de Orlando Vitorino, pág. 8.

(4) Cf. Dict. d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie, t. VII, 1.ª pt., col. 191, 192.

(5) Sobre o carácter simbólico da arte, cf. MARITAIN, *Art et Scolastique* (L'initiation dans l'art).

(6) Encíclica *Mediator Dei,* versão portug. por O. B. (do clero de Lisboa), n.º 138.

(7) Instrução do Santo Ofício sobre Arte Sacra.

(8) *Mediator Dei,* n.os 20-23.

(9) Cf. Instr. do S. Ofício sobre Arte Sacra, 5.ª determinação sobre arte figurativa.

(10) Cf. Pontifical Romano, Ordenação dos Subdiáconos.

(11) *Mediator Dei,* n.º 21.

# Cantarinha

*Sou de barro vermelho, côr de fogo,*
*Que um oleiro fez em cantarinha.*
*Daí me habituei de criancinha*
*A matar a sede a todo o povo.*

*Nas tardes de profunda calmaria*
*Eu dava-me a cantar a toda a gente*
*Naquela cantinela tão dolente*
*Da fonte que se dá de noite e dia.*

*Apenas um dia quiz dizer que não*
*Ao pobre que passava no caminho*
*E me pedia água com carinho*
*Para matar a sede ao coração.*

*Foi então que senti faltar a água*
*Dentro de mim, pobre criancinha*
*Chorei; dei-lhe a beber a minha mágoa,*
*E senti-me de novo cantarinha.*

SIMÕES DIAS

# panorama

## *Portugal visto por um sacerdote espanhol*

Trata-se do livro **«Dos Sacerdotes por Europa»** — (Ed. de Juan. Flores — Barcelona, 1956).

Lamberto de Echeverria e Casimiro Sanches Aliseda são dois jovens sacerdotes catedráticos da Universidade de Salamanca. Percorreram parte da Europa e reflectiram depois em artigos de jornal, sobretudo no «Incunable» que eles mesmos dirigem, as suas impressões e experiências, agora reunidos no presente volume.

Lançaram-se nesta iniciativa com perspectivas merecedoras dos mais justos louvores. Quiseram romper com uma certa barreira de desdém que a auto-suficiência ou porventura um orgulhoso patriotismo originam por tudo o que seja estrangeiro.

Viajaram não por vã curiosidade, mas para contactar com as experiências dos outros, afinar critérios, conhecer iniciativas e, porque não, exercitar a caridade.

E se este contacto é vantajoso aos políticos e economistas poderá ser particularmente útil no campo religioso a quem trabalhe no apostolado pastoral.

Mesmo quando se colhem impressões aqui e acolá despreocupadamente em todo o seu realismo, não falseados por conveniências turísticas ou sociais, é muito perigoso formar um juízo sobre determinado país só com base nesses dados de ocasião. Aliás a objectividade dum caso que se viu, dum quadro humano que impressionou, corresponderão sempre à verdade no plano religioso, político, e económico ou social?

A pergunta fora de todo o pessimismo, ou dúvida sobre a probidade de quem escreve, parece-nos sempre oportuna.

No caso de Portugal poderá o leitor julgar da verdade das afirmações do sacerdote espanhol pelos apontamentos que aqui deixamos do que escreveu Lamberto de Echeverria.

Começa por abrir a nossa história e lembrar-nos que a Monarquia «fidelíssima» escreveu uma das histórias mais gloriosas do mundo.

Mas a religião ostensiva, o episcopado dividido e desprestigiado por aqueles mesmos que lhes davam honras reais conduziram Portugal à ruína das instituições políticas e foi possível surgir uma república ímpia e diabòlicamente anti-clerical.

Hoje porém o povo português voltou a trabalhar com dedicação, silenciosamente, mas por isso mesmo com garantias de solidez.

Gostou o nosso viajante de apreciar os contrastes a dentro dum país tão pequeno, confessando que muitas vezes se viu obrigado a suspender a formulação dum juízo.

Portugal um Estado rico num povo pobre.

Com a miséria autêntica, confessa não ter deparado senão com as barracas que cercam o Seminário dos Olivais. Os nossos vicentinos poderiam confirmar o testemunho... mas quem nos dera que fosse caso único em Portugal!...

A administração pública é séria e a propósito dela fala com admiração de Salazar. Figura curiosíssima. Há mais de 25 anos no governo. A maior parte dos portugueses nunca o viu. Não gosta de ostentações, mas do trabalho obscuro.

Polìticamente o regime português é uma — Monarquia com o nome de República.

Aliás o Estado Novo está realizando o trabalho que a Monarquia não quis ou não soubê realizar.

Sente-se a falta, no entanto duma oposição. Não seria difícil torná-la atraente, pois nem tudo no governo são acertos. Contudo nas actuais circunstâncias políticas seria muito inconsistente. Pesariam sobre

ela os anos duma democracia que submergiu o país na degradação e miséria.

O povo português é por temperamento calmo. A música de canções tristes e danças castas reflectem perfeitamente a sua índole.

Encantou-o o esmero com que o português cuida os seus jardins e caia as suas casas, embora descuidando por vezes a indumentária.

Como um dos seus objectivos particulares era conhecer o panorama religioso português, entrou em contacto sobretudo com o clero.

Gostou de apreciar as bibliotecas dos nossos párocos e foi satisfeito por encontrar em quase todas, livros espanhóis, geralmente da BAC. Os métodos porém de trabalho e organização e até mentalidade considera-os franceses.

O trabalho do clero é extenuante, sobretudo nas dioceses do Sul. Aponta como exemplo a diocese de Portalegre com 156 paróquias e apenas 108 párocos, onde há freguesias com extensões de 40 e mais quilómetros — e isto para não falar das piores.

Nestas circunstâncias é quase impossível um trabalho intelectual. A «Lumen» é recebida por obrigação — por isso não se lê ou diz-se mal dela. A «Brotéria» é mais apreciada, mas nem por isso mais difundida. O clero é quase todo jovem, apostólico e optimista, apesar de trabalhar em condições difíceis e depender apenas da generosidade dos fiéis na sua sustentação.

Os Seminários são quase todos novos e os Seminaristas de hoje por reacção porventura ao tipo de sacerdote de maneiras bruscas que encheu a literatura portuguesa do romantismo, são delicados finos, discretos, muito generosos e entusiastas.

Nota-se a falta duma Universidade Pontifícia. Daria vigor ao nível científico dos seminaristas e ao pensamento intelectual eclesiástico.

Do Episcopado diz ser um dos mais unidos do mundo. Há maneiras diversas e pessoais de encarar os problemas no entanto é admirável a unidade de critérios na acção.

Ficou-lhe vivamente impressa na sua alma de espanhol a indiferença religiosa de certa cidade de 25 mil habitantes, onde assistiu a seis Missas diferentes em outras tantas igrejas num dia de preceito. A média de assistência foi de 30 pessoas e mesmo estas estavam de qualquer maneira. A mesma cidade não tinha nenhuma vocação sacerdotal nem sacerdote nativo recente.

Embora seja este o ambiente geral do país a densidade religiosa varia notàvelmente do Norte para o Sul, organizando-se, no entanto as forças católicas, mais sòlidamente, no Sul do que no Norte.

A educação religiosa da juventude é superficial. No ensino médio não passa geralmente duns apontamentos de ética e duma formação religiosa ministrada através da Mocidade Portuguesa.

Atribui à nossa escola primária melhor situação do que na Espanha; no secundário uma certa igualdade; o universitário é nìtidamente inferior no nosso país.

No seu peregrinar os dois sacerdotes espanhóis falam de alguns santuários marianos célebres na Europa.

Não podiam esquecer Fátima e entre os dez de que falam colocaram também o Sameiro.

É comovente celebrar Missa no altar humilde e pobre da capelinha de Fátima, diante de uma imagem de escasso valor artístico, adornada de flores artificiais. Mas a pobreza «sobrenatural» da capelinha é preferida à grandiosidade da Basílica.

No Sameiro nem o santuário nem a imagem são de grande valor artístico. Valem como testemunho e consagração dum grande amor do povo português: a devoção a Nossa Senhora na Sua Imaculada Conceição.

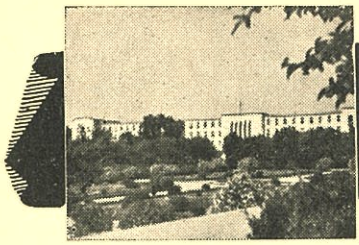
Parece-nos que o sacerdote espanhol conseguiu penetrar bem na alma portuguesa.

Embora muito objectivo, também por vezes a apreciação teve de nortear-se pelas coordenadas da cortesia e discreção.

Oxalá que o seu intento ao vir conhecer o nosso país tenha sido alcançado e que a sua preferência por Portugal claramente manifestada, para um intercâmbio de ideias possa ser útil aos dois países.

E assim a península ibérica possa constituir no mundo uma força orientadora com espírito novo, como outrora o foi na expansão marítima.

JOÃO CANILHO



# CRÓNICA

*É difícil escrever alguma coisa nestas páginas, quando a vida* correu *na fidelidade a hábitos, dia a dia contraídos. É certo que o final da segunda época, que vem ao caso neste momento, terminou pela intensa e quase exuberante Semana Santa, com toda a riqueza da sua mensagem profunda, dramática e exultante, com toda a maravilhosa linguagem da sua liturgia, quer na Sé, em fausto antigo, quer por freguesias circunvizinhas, com menor esplendor. A Semana Santa prescindiu de vários dos nossos hábitos. Mas* correu *também, pois o tempo era pouco para se dizer e ouvir toda a espécie de palavras com que nos falou a Divina Palavra, neste Mistério Pascal. Ainda assim, foi sempre surgindo esse extraordinário que, em dada altura, nos traz variedade, valores novos e descanso.*

*Na preparação da Semana Maior, em terça e quarta-feira, o Sudário de Turim e a Realidade Litúrgica que celebrávamos ofereceram os temas para as palestras do Sr. Cón. Neves e Sr. P.e José Ferreira. Eles nos abriram o espírito para assuntos só em parte conhecidos. A Paixão de Jesus Cristo foi, perante nós, como que reconstituída através do testemunho histórico-científico da sua mortalha e se tornou mais acessível pela compreensão da recente reforma litúrgica.*

*Para fins de Março, a presença de S. Em.a o Sr. Cardeal Patriarca no Seminário e a visita dos ex-seminaristas (dia 31), não sendo habituais tanto uma como outra, não foram contudo extraordinárias. Convivemos com a família que não estavam precisamente fora do Seminário, mas apenas algo distante.*

*No último dia da sua permanência aqui, o Sr. Cardeal Patriarca propôs-nos como condição de futura vida sacerdotal, alegre e eficiente, uma vida em interioridade e estudo, desde já. A 15 de Abril voltou Sua Eminência para nos dizer que amássemos a Santa Igreja com espírito de fé na sua divindade e com amor às determinações de sua prudência inspirada.*

*A terceira concentração de ex-seminaristas principiou, oficialmente, com a Missa solene. No almoço todos confraternizámos alegremente, apesar do pessimismo do Cipriano: «neste mundo, cada alegria traz uma lágrima nos olhos». O Cipriano falava em nome dos seminaristas e tinha razão, pois realmente sentimos saudades dos que nos deixam. Mas um certo «quid invisível e impalpável»; na palavra do Sr. Vice-Reitor, nos unia ali, impossibilitando o brotar, mesmo alegórico, de qualquer lágrima. Saudaram o Seminário em que haviam estudado e vivido tão bom tempo os Srs. Nuno Lúcio Cordeiro, Artur de Oliveira Neves e Carlos Baptista Frazão. Na presidência, o Sr. Bispo de Tiava.*

*Na sessão, à tarde, gozaram de espe-*

cial relevo a saudação de Mons. Cón. D. João de Castro, profundo, singelo e tocante até ao final: «que Deus nos abençoe a todos!»; o estudo do João Rodrigues «Visão eclesiológica do laicado» com vastos horizontes teológicos; e o esboço biográfico de SS. Pio XII pelo Sr. Carlos Pinto Ascenção. A Polifonia do Seminário e o grupo coral «Stella Vitae» não podiam deixar fugir a ocasião de comparem o seu conhecido valor! O Sr. Américo Vieira executou brilhantemente vários solos e com alguma honra para a «scola cantorum» do Seminário de Almada, onde cantou em anos recuados da sua mocidade...

*
* *

Quase sempre tem esta crónica saído à luz do dia, narrando o que só acontece uma vez por outra durante a vida. Recordar é viver e vai-se recordando para se viver mais o que se viveu pouco.

O que, porém, se repete, melhor do que o extraordinário é portador da nossa alma que desejamos transponha portas, janelas e muros através da «Novellae».

A nossa vida, aliás, é muito simples. Uns momentos de oração, estudo, recreio e é tudo. Às refeições, acontece o fenómeno de falarmos, umas vezes sim, outras vezes não, conforme os dias da semana. Os ventos, no entanto, parecem favoráveis pois o sábado, desde remota antiguidade silencioso, se tornou inopinadamente sonoro ao almoço. Principalmente os cultores mais devotos da língua pátria aqui depõem o seu agradecimento.

Nos recreios joga-se. Os senhores sisudos, porém, medem as avenidas do Parque, dissertando sobre assuntos, que os absorvem assustadoramente, ou contemplando as belezas que Deus fez nas árvores ou nas flores. Pelos becos mais desviados os escuteiros dedicam-se às suas actividades características; e, passeando, conversam muito compenetrados de suas convicções, os «cinéfilos», os «estetas» e todos os que resolveram estudar em conjunto algum valor actual, que tem de ser assumido por sacerdotes competentes. Outros grupos mais directamente se dedicam à Acção Católica, ao problema do ensino, etc.

A Academia de Santo António coordena as actividades extra-escolares que sejam intelectuais, a Associação de Santo Condestável organiza a venda de livros, de estampas e os campeonatos.

Por falar em campeonatos. No futebol o primeiro lugar na primeira volta foi ocupado pelo terceiro ano de Filosofia, com seis pontos e seis bolas, tendo passado à frente do primeiro ano de Teologia por duas bolas e um ponto.

Todos os sábados, os escuteiros se reunem para discutir problemas de mística escuta e de apostolado pelo escutismo. Por vezes há sessões para o grande público. Na data comemorativa de Baden Powel alguns fizeram promessa de caminheiros: António Correia, Victor Manuel e José Manuel Fernandes. À Missa, o Sr. P.e José Honorato frisou as riquezas de um movimento fundado na confiança do rapaz perante si e perante o outro tido por colaborador, como centro de iniciativa.

O Circulo Missionário congrega regularmente associados e simpatizantes para estudar e debater problemas actuais, todos subordinados, no presente ano, ao grande problema africano. Como trabalhos principais foram apresentados: «Donde vem a África», pelo presidente Teixeira de Sousa, «Panorama religioso da África», do António Correia e «O despertar do Islão», pelo José Magalhães. Caminhou-se dos aspectos basilares para o drama, da análise do meio a conquistar para a manifestação do inimigo a vencer.

*
* *

*À maneira da construção fundada e firme na rocha em que se apoia, a nossa estrutura sacerdotal, lançando-se para a Realidade Altíssima, não esquece o terreno donde procede.*

*Se o Dom nos há-de ser oferecido, queremos estender e abrir fortemente ambas as mãos, para nelas recebermos o mais possível e por elas darmos o mais valioso préstimo ao que aceitámos. Esta é a nossa vida.*

NORONHA GALVÃO

# Dedicatória

Ó Cristo de olhos fundos, sonhadores,
Como cisternas de água cristalina,
Senhor das mãos vazias apenas porque dão,
Cristo de voz sonora como o mar
Que roubas sem roubar,
Que falas sem falar,
Senhor da minha vida e mocidade,
Ó Cristo enamorado de verdade
Eu não te sei amar!

A. N.

# União Gráfica

**S. A. R. L.**

Sede: Rua de Santa Marta, 48

**LISBOA**

**Livraria** — As últimas novidades literárias.

**Tipografia** — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

**Editorial** — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

**Objectos religiosos**—O maior sortido, aos mais baixos preços.

**Paramentaria**—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

**Proprietária** do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

# Marmindústria Portuguesa, L.da

MÁRMORES
E
CANTARIAS

EXPORTADORES

**Oficinas em:**
**Pero Pinheiro**

**Pedreiras em:**
Pero Pinheiro
Estremoz
Borba e Ábrã

**Escritório:**

RUA BARATA SALGUEIRO, 53-2.°
Telef. 59176 — Teleg. MARPOR
**LISBOA**




*Se não vê...*

**Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.**

**ALTA**
**qualidade**
**a baixos**
**PREÇOS**

# HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

**Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA**

APARELHAGEM ELÉCTRICA
PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
QUADROS BLINDADOS
para fábricas, oficinas e minas
Acessórios para
instalações eléctricas

CREL

CONSTRUÇÕES
E REPARAÇÕES
ELÉCTRICAS, L.DA

Telefones: P. P. C. 66 2134 e 66 1135

*Rua dos Industriais, 7*
*(às Côrtes)*

— LISBOA —

## Missal Romano

Para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

**Preços:**

Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
chagrin c/ folhas douradas — 110$00

## Pequeno Missal

Para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

**Preço:**

Encad. em muito boa percalina — 20$00

## Novo Testamento

Traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00

**Pedidos à União de São João**
**Gráfica de Gouveia L.da - GOUVEIA**

RUA INFANTE D. HENRIQUE
**PORTO**

ROSSIO, 93 2.º
**LISBOA**

# FERREIRINHA

## VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

**Cem anos!**

# VELAS DE CARDIGOS

**J. d'Oliveira Tavares, Filhos**

Telef. 5 — B. Baixa-CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e províncias Ultramarinas

**Premiada em 7 exposições 4 estrangeiras e 3 nacionais**

# C. SANTOS

**LANIFÍCIOS**

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

**COVILHÃ**

# Antiga Fábrica de Velas

de **Alfredo Cadete Pereira**

Alcanena—Monsanto

Velas de cera Litúrgicas e de promessa

**Preços especiais para os Rev.dos Párocos e Irmandades**

**NA CATEQUESE ◆ NA ESCOLA ◆ EM SUA CASA**

## Aparelhos de Cinema e Projecção fixa

FILMES E DISPOSITIVOS

Culturais recreativos e religiosos



R. S. Nicolau 22 LISBOA

R. S. Catarina, 315 PORTO

**Consulte ... ... Sempre**

**Pathé-Baby Portugal, L.da**

# SOCIEDADE GERAL

## DE

# Comércio, Indústria e Transportes

## Carreiras regulares

| DE: | PARA: | PARTIDAS: |
|---|---|---|
| Metrópole | Cabo Verde e Guiné | Dias 10 e 25 de cada mês |
| Metrópole | S. Tomé e Príncipe, Ang. | Mensais |
| Norte da Europa | Lisboa, Matadi e Angola | De 21 em 21 dias |
| Anvers | Portugal | Quinzenais |

## Serviços Permanentes

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão
Tramping — Consignações — Trânsitos — Serviço de reboques fluviais e de alto mar — Lanchas — Fragatas — Batelões

## Frota principal

| | | | |
|---|---|---|---|
| n/m «África Ocidental» | 1.560 T. | n/m «Cartaxo» ..... | 1.346 T. |
| n/m «Alcobaça» ..... | 9.588 T. | n/m «Colares» ..... | 1.376 T. |
| n/v «Alcoutim» ..... | 10.150 T. | n/m «Conceição Maria» | 2.974 T. |
| n/m «Alenquer» ..... | 9.588 T. | n/m «Coruche» ..... | 1.376 T. |
| n/m «Alexandre Silva» | 3.257 T. | n/v «Costeiro» ..... | 900 T. |
| n/v «Alferrarede» ..... | 2.118 T. | n/m «Costeiro Terc.º» | 1.426 T. |
| n/m «Alfredo da Silva» | 3.643 T. | n/m «Covilhã» ..... | 1.376 T. |
| n/m «Almeirim» ..... | 9.588 T. | n/v «Foca» ..... | 2.060 T. |
| n/m «Ambrizete» ..... | 9.245 T. | n/m «Manuel Alfredo» | 3.297 T. |
| n/m «Ana Mafalda» ... | 3.575 T. | n/v «Maria Amélia» ... | 3.005 T. |
| n/m «Andulo» ..... | 9.245 T. | n/v «Mello» ..... | 6.225 T. |
| n/m «António Carlos» | 2.974 T. | n/m «Mira Terra» ..... | 620 T. |
| n/m «Arraiolos» ..... | 9.588 T. | n/v «Pinhel» ..... | 3.665 T. |
| n/m «Belas» ..... | 7.259 T. | n/m «Rita Maria» ..... | 3.458 T. |
| n/m «Borba» ..... | 7.259 T. | n/m «São Macário» ... | 1.221 T. |
| n/m «Braga» ..... | 7.224 T. | n/v «Saudades» ..... | 6.430 T. |
| n/m «Bragança» ..... | 7.224 T. | n/v Zé Manel» ..... | 1.240 T. |

**TOTAL: 155.110 T.**

### FROTA AUXILIAR

6 Rebocadores fluviais, 2 Rebocadores de alto mar, 7 Lanchas a Motor, 33 Batelões, 24 Fragatas, 1 Barca de água, 1 Draga e 4 Batelões de dragadas
**em construção nos estaleiros da C. U. F.**

2 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro 2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros no serviço de cabotagem na província de Cabo Verde.

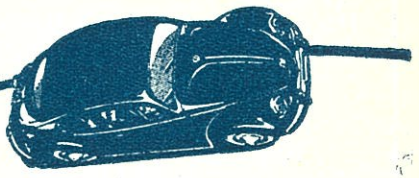
### CARGA E EXPEDIENTE

*Lisboa: Rua do Comércio, 39*
*Telef. 26314|5*
*Teleg. GERAL*

*Porto: Rua Sá da Bandeira, 82*
*Telef. 27363*
*Teleg. SABÕES*

Esta é a companhia portuguêsa que tem ao seu serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa.

# VOLKSWAGEN



NA VANGUARDA

SEMPRE

SERVIÇO

POR TODA A PARTE

ENTREGAS IMEDIATAS

A Igreja Católica age directamente no domínio da sociedade profana e indirectamente pela pregação, pela confissão, por todo o conjunto de gestos que ela recomenda ou que ela impõe a seus membros e que, naturalmente, têm consequências quer no domínio político, quer no domínio da família, e mesmo até certo ponto no domínio dos comportamentos pessoais...

É isto o que autoriza o estudo, pelos sociólogos, da prática religiosa que em si mesma não é senão um domínio da sociologia religiosa.

GABRIEL LE BRAS

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINÁRIO DE
CRISTO-REI «OLIVAIS»